

Luiz Gonzaga

Cantador · Sanfoneiro · Brasileiro



Ordem do Mérito Cultural 2012

Descubra um país de cultura,
um Brasil que faz a diferença.

ASA BRANCA

LUIZ GONZAGA

Quando oiei a terra ardendo
Qual a fogueira de São João
Eu preguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Eu preguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de prantação
Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração
Entonce eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração
Hoje longe, muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus óio
Se espaiar na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu vortarei, viu
Meu coração

Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu vortarei, viu
Meu coração

Secretaria do Conselho da Ordem do Mérito Cultural

Jeanine Pires

Chefe de Gabinete

Maristela Rangel

Coordenadora de Comunicação Social

Montserrat Bevílaqua

Chefe da Assessoria de Comunicação Social

Lúcia Pinheiro

Coordenador Executivo da Ordem do Mérito Cultural / Chefe de Cerimonial

Cleusmar Fernandes

Coordenadora da Assessoria de Comunicação Social

Valéria Gonzalez

Direção Artística

Antônio Gilberto

Cerimonial | Eventos

Edirley Honorio

Lucas Carvalho

Márcia Uchoa

Thiago Andrade

Redação dos textos

Cora Dias

Juliane Oliveira

Lúcia Pinheiro

Marcos Agostinho

Pablo Rodrigo

Rosiene Assunção

Edição/revisão dos textos

Lúcia Pinheiro

Design Gráfico

Ygor Bernardes

Colaboradores

Eugênia Maria Pereira Vitorino

Flávia Martins Farias Nunes

Maria José Peixoto Rabelo

Renata Affonsoeca Andrade Monteiro

Sonia Maria de Sousa Pinto

Thiago Moreira dos Santos

Ordem do Mérito Cultural 2012

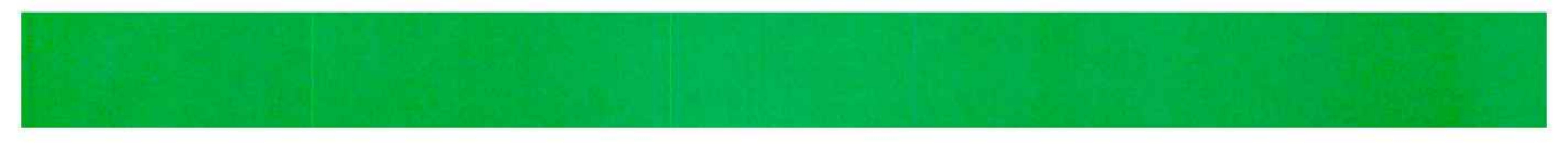
Descubra um país de cultura,
um Brasil que faz a diferença.

Luiz Gonzaga

Cantador • Sanfoneiro • Brasileiro

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA



SUMÁRIO

Abelardo da Hora	13	Jorge Amado	35
Aguinaldo Silva	14	José Sarney	36
Alceu Valença	15	Marieta Severo	37
Almir Suruí	16	Mário Schenberg	38
Anna Muylaert	17	Martha Medeiros	39
Autran Dourado	18	Mazzaropi	40
Bloco Afro Olodum	19	Miguel Takao	
Breno Silveira	20	Chikaoka	41
Carlos Alberto		Milton Guran	42
Cerqueira Lemos	21	Movimento Gay de	
Cleodes Maria		Minas - MGM	43
Piazza Julio Ribeiro	22	Museu Histórico	
D. Ifigênia	23	Nacional	44
Dener Pamplona		Museu de Valores do	
de Abreu	24	Banco Central do Brasil	45
EDISCA	25	Orlando Orfei	46
Elba Ramalho	26	Orquestra Popular	
Fafá de Belém	27	Bomba do Hemetério	47
Felipe Schaedler	28	Paulo Goulart	48
Fundarte	29	Plínio Marcos	49
Hebe Camargo	30	Raquel Trindade	50
Herivelto Martins	31	Regina Casé	51
Irmãos Campana	32	Rose Marie Muraro	52
Isay Weinfeld	33	Silvio Santos	53
Ismail Xavier	34	Agraciados das	
		edições anteriores	54



Ao homenagear o genial Luiz Gonzaga, na cerimônia de entrega das medalhas da Ordem do Mérito Cultural, deste ano, estamos também reverenciando a memória dos cidadãos nordestinos. Foi com muito sacrifício, mas ao mesmo tempo com inabalável esperança no futuro, que eles construíram Brasília.

Muitas são as imagens dos trabalhadores, com seus radinhos de pilha, levantando os prédios que se tornariam patrimônio da humanidade. E as melodias inesquecíveis de Gonzaga certamente tornavam mais fáceis as longas jornadas que deram vida às imaginações de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, emblemas da arquitetura brasileira, já distinguidos com a Ordem do Mérito Cultural.

É uma honra condecorar cantores, compositores, atores, poetas, escritores, cineastas, criadores e outras personalidades importantes do país, cujas iniciativas e trabalhos fortalecem nossa identidade cultural.

Desde 1995, mais de 500 personalidades já foram agraciadas nas três classes da Ordem do Mérito Cultural: Grã-Cruz, Comendador e Cavaleiro. Também 60 instituições receberam a medalha. E por que foi e é importante prestar homenagens? Porque estamos valorizando e preservando nossa memória, nossa história.

Desde quando os primeiros prédios foram erguidos em Brasília e o avião surgiu no horizonte do cerrado, este país vem vivenciando grandes transformações. Mas, talvez, nenhuma possa ser comparada à da grande vitória que, paulatinamente, vamos conquistando com ações para erradicação da pobreza; das agruras cantadas por Gonzaga.

A arte, seja qual for, é instrumento que enobrece o ser humano, liberta e o torna rico. Por isso, na entrega das homenagens deste ano, venho exortar a todos e a todas que se inspirem nos belos exemplos dos agraciados da 18ª edição da Ordem do Mérito Cultural, apresentados nesta publicação.

Marta Suplicy
Ministra de Estado da Cultura

O uso de todas as imagens foi autorizado pelos agraciados e/ou respectivos representantes.

AGRACIADOS

ABELARDO DA HORA

Escultor, pintor, desenhista, gravurista e ceramista nascido em São Lourenço da Mata (PE) e radicado desde 1930, em Recife. Estudou na Escola de Belas Artes de Recife e formou-se também em Direito.

Trabalhou na oficina de Ricardo Brennand, na década de 1940, e realizou gravuras com temática social, onde é visível a influência da obra de Cândido Portinari. Integrou, em 1946, a Sociedade de Arte Moderna de Recife com o propósito de criar um amplo movimento cultural abrangendo as áreas de educação, cultura, artes plásticas, teatro e música. Desta associação foi criado em 1952 o Ateliê Coletivo - oficina que ministrava cursos de desenho.

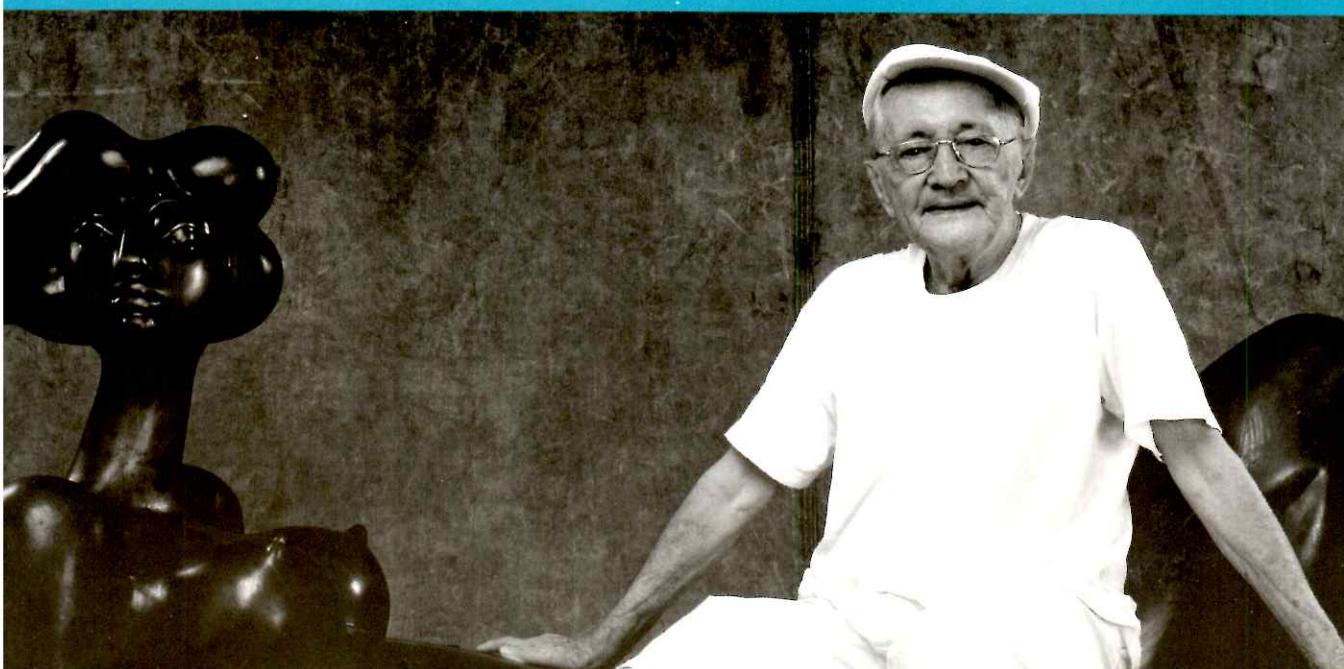
A partir de 1950 produziu várias esculturas para praças de Recife, nas quais revela o

interesse pelos tipos populares inspirados na cerâmica artesanal de formas arredondadas, confirmando a admiração pela obra de Portinari.

Em 1962, foi um dos fundadores do Movimento de Cultura Popular (na ocasião lançou o álbum de desenhos *Os Meninos do Recife*). Considerado um dos mais importantes artistas plásticos brasileiros, em 1986, a convite do Instituto de Arte Contemporânea de Paris, realizou sua primeira individual fora do país, no Museu Debret, da embaixada brasileira na França.

Na década de 1970 teve seus direitos políticos cassados pela ditadura militar.

Em 2005 foi fundado o Instituto Abelardo da Hora com o objetivo de preservar sua obra e manter o acervo do artista disponível ao público.



Responsável pelas maiores audiências de minisséries e telenovelas da Rede Globo, dramaturgo, jornalista, escritor, considerado pelo público e pela crítica um dos maiores novelistas da televisão brasileira, Aguinaldo Ferreira da Silva já afirmou em entrevistas que nunca havia pensado em ser autor de novelas.

Nascido em família pobre, no interior de Pernambuco, trocava o jogo de futebol com os meninos da vizinhança pela leitura dos clássicos, como Dostoievski e Camões.

Financiado pelo pai – um frentista de posto de gasolina – que via na educação a solução para os problemas do mundo, estudou nos melhores e mais caros colégios do Recife, enfrentando muito preconceito.

Mas, nem tudo foi tristeza na vida do jovem Aguinaldo; aos 16 anos lança com sucesso o seu primeiro romance **Redenção para Job**. Da literatura rumo para o jornalismo. Aos 18 anos estreou no jornal **Última Hora** de Recife – como o mais jovem repórter da redação.

Dois anos depois, desembarca no Rio de Janeiro – mais precisamente na redação de **O Globo**, como repórter policial. Foi justamente a experiência adquirida nas redações de jornal que lhe valeu um convite para escrever **Plantão de Polícia**. Desde então, não parou mais! De todos os autores da Globo é o único que só escreveu novelas para o horário das 20h.



AGUINALDO SILVA

ALCEU VALENÇA

Alceu Paiva Valença nasceu em São Bento do Una (PE), em 1º de julho de 1946. Cantor e compositor gravou seu disco de estreia em parceria com o também pernambucano Geraldo Azevedo.

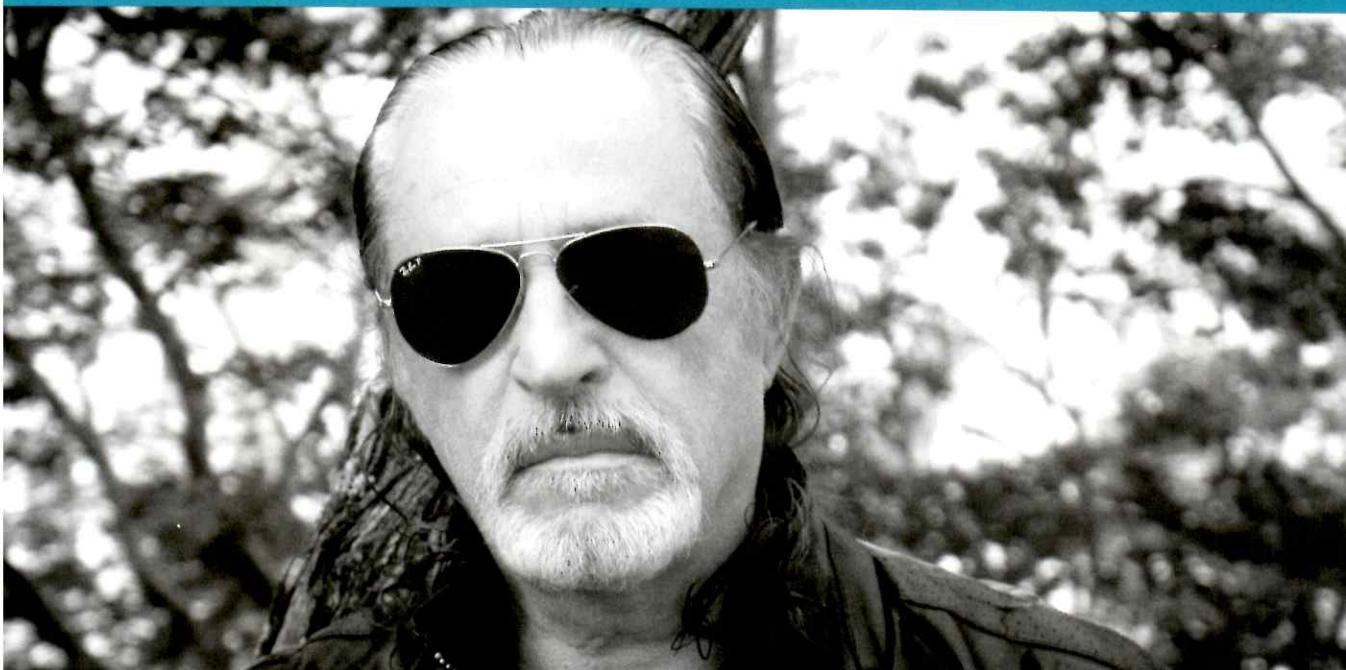
Em 1969, desiste das carreiras de advogado e jornalista e aposta no talento e sensibilidade artística que aprendera a cultivar ainda na infância, quando recebeu influência de cantores de feira de sua cidade natal e de grandes irradiadores da cultura nordestina, como Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga e Marines.

Na adolescência, já em Recife, manteve contato com a cultura urbana e ouve a música de Orlando Silva e Dalva de Oliveira, alternando com o emergente e rebelde ritmo de Little Richard, Ray Charles e outros

ícones da chamada primeira geração do rock'n'roll.

Em 1971, muda-se para o Rio de Janeiro com o amigo e incentivador Geraldo Azevedo. Começa a participar de festivais universitários, como o da TV Tupi, com a faixa **Planetário**.

Influenciado pelos negros maracatus, cocos e repentes de viola, Alceu utiliza a guitarra com baixo elétrico e, mais tarde, o sintetizador eletrônico nas suas canções. Com isso, conseguiu dar nova vida a uma gama de ritmos regionais, como o baião, coco, toada, maracatu, frevo, caboclinhos e embolada e repentes cantados com bases **rock'n'roll**. Sua música e seu universo temático são universais, mas a sua base estética está fincada na nordestinidade.



ALMIR SURUÍ

O cacique Almir Narayamoga Suruí cresceu vendo seu povo, os indígenas Suruí, sofrer os efeitos da interferência do homem branco no ecossistema e na vida dos índios. Os Suruí viviam como refugiados no município de Cacoal, Rondônia. Aos 14 anos e sem falar português, por meio de uma bolsa de estudos no Centro de Pesquisas Indígenas, Almir fez um curso de capacitação para implantar projetos de desenvolvimento sustentável em sua comunidade.

Dois anos depois, começou a gerenciar um projeto com famílias para gerar renda a partir da castanha. Não demorou muito para ser convidado a coordenar a Organização dos Povos Indígenas de Rondônia. Entre várias ações de preservação das terras e desenvolvimento sustentável da comunidade, mesmo em

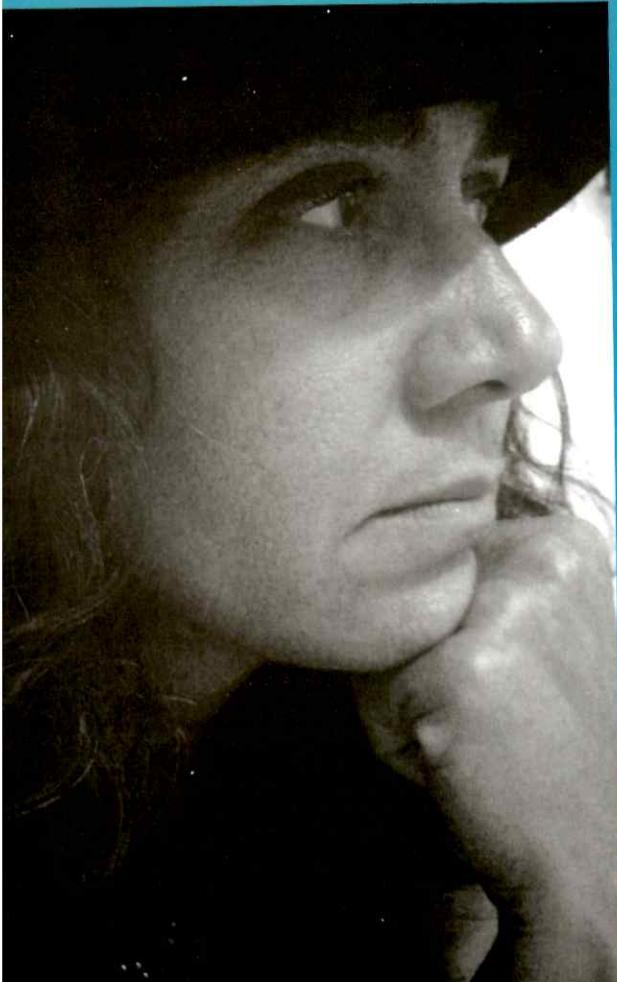
meio à adversidade, Almir foi capaz de criar alianças entre os índios mais velhos e a nova geração das aldeias para mediar a chegada de novas tecnologias.

É hoje reconhecido internacionalmente por ter tido a coragem de denunciar à Organização dos Estados Americanos (OEA) a exploração ilegal de madeira em terras indígenas, por defender os direitos e a integridade dos índios e por lutar contra interferências 'do homem branco' que afetam terras indígenas.

Depois de defender as terras do seu povo, foi a Genebra, Suíça, indicado pela Sociedade Internacional de Direitos Humanos para receber um prêmio como destaque na luta pelos direitos humanos.



Diretora e roteirista da nova geração vinda do curta-metragem, estreou em longa com *Durval Discos* (2002), vencedor dos principais prêmios no Festival de Gramado. Nascida em São Paulo, em 1964, estudou cinema na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP).



Começou a carreira realizando curtas-metragens e na década de 1980 trabalhou como crítica de cinema do jornal *O Estado de S. Paulo* e da revista *Isto É*. Em 1989, foi para a televisão como repórter do programa *TV Mix*, e como repórter e editora do programa *Matéria Prima*.

Participou da criação, coordenação de textos e da edição do programa *Mundo da Lua*, e escreveu roteiros e fez a coordenação de textos do programa *Castelo Rá-tim-bum*, ambos da TV Cultura. Como roteirista colaborou nos roteiros dos longas-metragens *Castelo Rá-tim-bum* (1999), *O ano que meus pais saíram de férias* (2006), ambos de Cao Hamburger, e *Desmundo* (2002), de Alain Fresnot.

Além de dirigir e escrever para cinema, ministra aulas de roteiro e é autora de livros infantis.

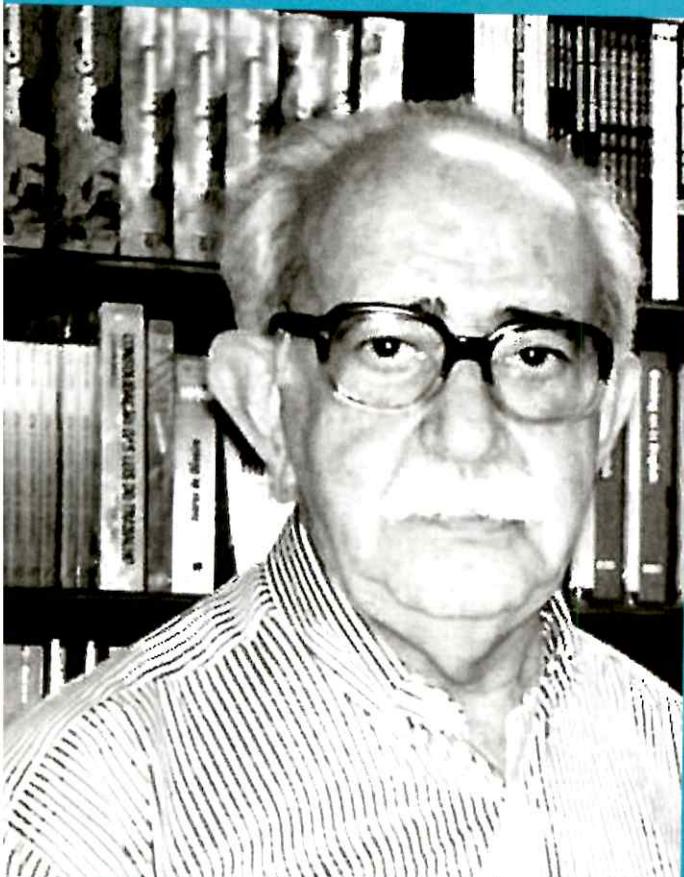
**ANNA
MUYLAERT**

AUTRAN DOURADO

IN MEMORIAM

Waldomiro Freitas Autran Dourado nasceu em Patos de Minas (MG), em 1926. Tornou-se um dos mais importantes ficcionistas da literatura do país e um dos escritores mais premiados no Brasil. O conto *O Canivete do Diabo* rendeu-lhe o primeiro prêmio literário, ainda na juventude.

Viveu sua infância nos municípios mineiros Monte Sião e São Sebastião do Paraíso, e aos 17 anos mudou-se para Belo Horizonte, onde passou a participar da vida literária da cidade. Cursou Direito enquanto trabalhava como taquígrafo e jornalista. Em 1947



publicou sua primeira novela 'A teia'. Ganhou o prêmio Mário Sette do Jornal *Letras com Sombra e exílio* (1950). Na mesma década mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi secretário de imprensa da República (1955-1960) no governo de Juscelino Kubitschek.

Na sequência publicou os contos 'Tempo de amar' (1952), 'Nove histórias em grupos de três' (1957) com o qual ganhou o prêmio Artur Azevedo, do Instituto Nacional do Livro, 'A barca dos homens' (1961), considerado o melhor livro do ano pela União Brasileira de Escritores, 'Ópera dos mortos' (1967), 'O risco do bordado' (1970), 'Solidão Solitude' (1972), 'Os sinos da agonia' (1974), 'O Novelário de Donga Novais' (1976) e 'Armas & corações' (1978).

Entre suas obras, destaca-se 'O Risco do Bordado' (1970), ganhador do prêmio Pen Club do Brasil, e 'As Imaginações Pecaminosas', vencedor do prêmio Goethe de Literatura do Brasil (1981), e do prêmio Jabuti, em 1982.

Autran Dourado foi reconhecido com o Prêmio Camões, em 2000, pelo conjunto de sua obra e vencedor do Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 2008. Entre suas dezenas de obras, a *Ópera dos Mortos* (1967), foi listado pela Unesco como uma das obras representativas da literatura mundial.

BLOCO AFRO OLODUM



O Olodum foi criado em 25 de abril de 1979, em Salvador (BA). É uma expressiva organização afro-brasileira que luta pelos direitos humanos por meio da arte e da cultura. Constituído como ONG, desenvolve ações de combate à discriminação social, estimula a auto-estima e o orgulho dos afro-descendentes; defende e luta para assegurar os direitos civis e humanos das pessoas marginalizadas, na Bahia e no Brasil. O grupo recebeu o título de utilidade pública pelo governo baiano.

Depois da estreia no carnaval de 1980, a banda conquistou quase dois mil associados e passou a abordar temas históricos relativos às culturas africana e brasileira. O primeiro disco da banda chamado Egito, Madagascar foi gravado em 1987. Pouco

depois, o Olodum passou a ser conhecido internacionalmente como grupo de percussão afro-brasileira, apresentando-se em muitos países da Europa, no Japão e em quase toda a América do Sul.

O grupo ainda fez participações especiais em discos de nomes reconhecidos nacional e internacionalmente, como Simone, Paul Simon, Wayne Shorter, Michael Jackson, Jimmy Cliff, Herbie Hancock e Caetano Veloso. As parcerias ajudaram o Olodum a divulgar para o mundo a mistura de ritmos que inclui batuques africanos, reggae, samba e ritmos latinos.

Além da veia artística, o bloco participa de movimentos sociais contra o racismo e pelos direitos civis e humanos.

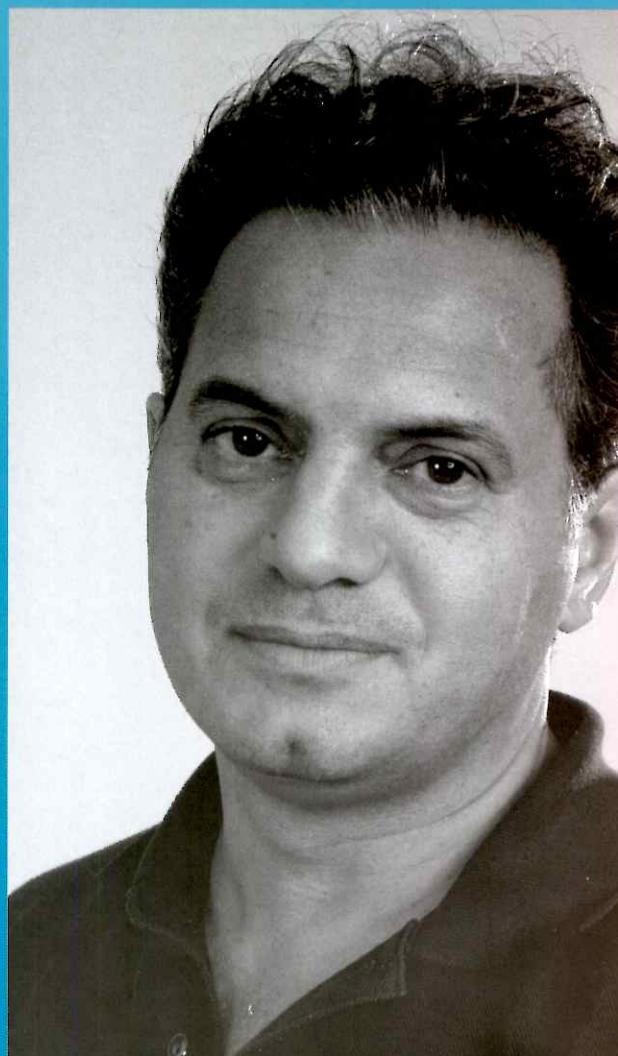
BRENO SILVEIRA

Fotógrafo, diretor e cineasta. Nasceu em Brasília, em 1964, e formou-se na École Louis Lumière, de Paris. Começou sua carreira no cinema como diretor de fotografia no longa-metragem **Carlota Joaquina**, de Carla Camurati. Em 2000 foi vencedor do Grande Prêmio Cinema Brasil na categoria Fotografia por **Eu tu eles**, de Andrucha Waddington.

O cineasta ganhou notoriedade com a direção de **2 Filhos de Francisco**, um dos maiores sucessos nacionais e o filme mais visto no país em 2005, com mais de cinco milhões de espectadores. O longa recebeu os prêmios de melhor ator (Ângelo Antonio), melhor ator coadjuvante (José Dumont), melhor atriz coadjuvante (Paloma Duarte) e melhor som no Grande Prêmio Cinema Brasil de 2006.

Neste ano, o diretor lançou dois novos filmes: **À Beira do Caminho** e **Gonzaga - De Pai Pra Filho**, uma cinebiografia do rei do baião, Luiz Gonzaga.

Breno já trabalhou em mais de 20 filmes de longa-metragem. Dirigiu também o documentário **Mar sem fim** sobre o navegador Amyr Klink, além de comerciais e videoclipes. Recebeu seis prêmios da MTV por esses trabalhos.



Arquiteto, professor e artista plástico, notabilizou-se pela vasta obra sobre a história da arquitetura brasileira, como Cozinhas etc., Arquitetura Brasileira, Escultura Colonial Brasileira, entre outras. Nascido em São Paulo, em 1925, o arquiteto dirigiu o escritório paulistano de Oscar Niemeyer, tendo, inclusive, participado do projeto do Parque do Ibirapuera.

Carlos Lemos é professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e realiza pesquisas sobre a história da arquitetura brasileira e a preservação do patrimônio cultural. Foi diretor técnico e conselheiro do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo e participou também dos conselhos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo.

Hoje, Carlos Lemos é membro do comitê brasileiro do International Council of Monuments and Sites (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios - Icomos Brasil) e do Comitê Brasileiro de História da Arte.



CARLOS ALBERTO CERQUEIRA LEMOS

CLEODES MARIA PIAZZA JULIO RIBEIRO



Natural de Farroupilha (RS) reside em Caxias do Sul. Licenciada em Línguas Neolatinas, é mestre em Teoria da Literatura e doutora em Educação. Professora de Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira (graduação); Tradição Popular e Expressão Oral (mestrado em Letras e Cultura Regional) da Universidade de Caxias do Sul.

É diretora do Instituto Memória Histórica e Cultural, coordenadora do programa Projeto ECIRS, nessa universidade, desde 1978. Coordenou diversos projetos de resgate do patrimônio cultural, dentre eles o da Usina Hidrelétrica Itá, Usina Hidrelétrica Machadinho, Usina Hidrelétrica Quebra-Queixo, Usina Hidrelétrica Campos Novos, Usina Hidrelétrica Barra Grande e o Programa de Salvamento do Patrimônio Histórico e Cultural nas áreas do Complexo Energético Rio das Antas.

Recebeu, por duas vezes, em 1995 e 1998, o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade concedido pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) do Ministério da Cultura por suas ações destinadas à preservação de bens culturais.

É autora dos livros **Festa e Identidade: como se fez a Festa da Uva** (2002); e **Anotações de Literatura e de Cultura Regional** (2005).

Dona Ifigênia, nascida no interior de São Paulo aproximadamente no ano de 1864, faleceu em 1968 com 104 anos, era filha dos ex-escravos, Joaquim Congo e Ricarda. Casou-se com Caetano Manoel de Oliveira, que morava numa comunidade vizinha denominada Caxambu - quilombo que foi extinto na metade da década de 1960 pela ação violenta de grileiros e por carência econômica da própria comunidade.

Chamada por todos da comunidade de 'madrinha', D. Ifigênia foi parteira e benzedeira da comunidade e região. Por meio de sua crença, originou-se a Festa da Santa Cruz, em louvor a Nossa Senhora, São Benedito e Santa Cruz - considerada uma das tradições do povoado e festejada no mês de maio.

Dona Ifigênia gostava de dançar o samba grande - que a comunidade acredita ser o Jongo (manifestação cultural associada à cultura africana no Brasil que influenciou o samba carioca) e jogar capoeira. Buscou preservar os ensinamentos da cupópia ou falange, uma espécie de dialeto limitado constituído por 140 palavras, aproximadamente, trazido por seu pai, Joaquim Congo.

A maior parte das palavras tem origem na língua africana chamada Quimbundu, da família banto, falada principalmente em Angola - essa é uma das formas de preservação da identidade cultural da comunidade.

A comunidade remanescente do Quilombo do Cafundó hoje é formada por 18 famílias descendente direta e indireta de Dona Ifigênia.



D. IFIGÊNIA

IN MEMORIAM

DENER PAMPLONA DE ABREU

IN MEMORIAM

O estilista que marcou a moda nacional. Dener foi precursor da alta-costura brasileira criando para as 'socialites' da época, que só compravam suas roupas na Europa, roupas nacionais com estilo próprio.

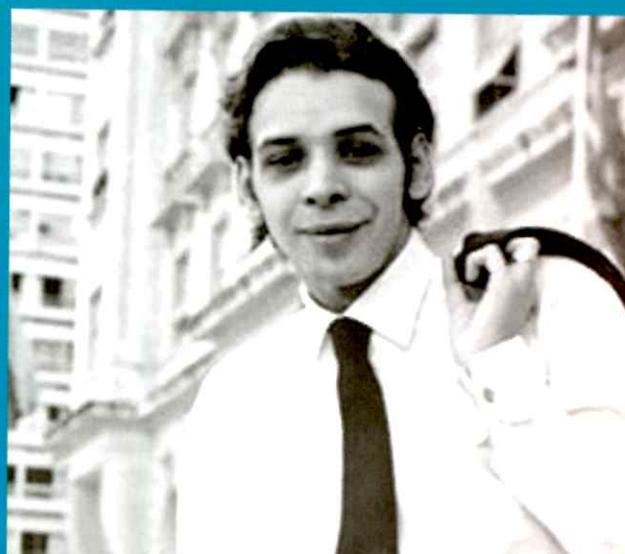
Cercado de glamour, o estilista soube usar o poder da mídia a seu favor e se transformou em celebridade. Vestiu muitas clientes famosas, inclusive as ex- primeiras damas Sara Kubitscheck e Maria Teresa Goulart.

Começou sua vida profissional na Casa Canadá, no Rio de Janeiro, ainda muito jovem, com 15 ou 16 anos, e em 1957, com 20, mudou-se para São Paulo e abriu seu primeiro ateliê, na Praça da República. Nessa época era o lugar mais chique da cidade. Sua trajetória foi fulminante. Tornou-se, graças ao talento e comportamento pessoal, uma celebridade. Em 1959, já desfilava na 2ª Fenit (feira de moda).

Nascido em Soure, arquipélago do Marajó (PA), em 1937, o estilista foi casado com

Maria Stella Splendore, uma de suas manequins (como chamavam à época as modelos de passarela) e teve dois filhos do casamento, Frederico Augusto e Maria Leopoldina. Dener morreu em 1978.

A vida de Dener é contada em dois livros biográficos: *O Bordado da Fama - Uma Biografia de Dener* (de Carlos Dória) e *A Ópera de Dener* (de Maria Dória). O estilista também escreveu, em 1972, a autobiografia *Dener - o luxo*, relançada em 2007.



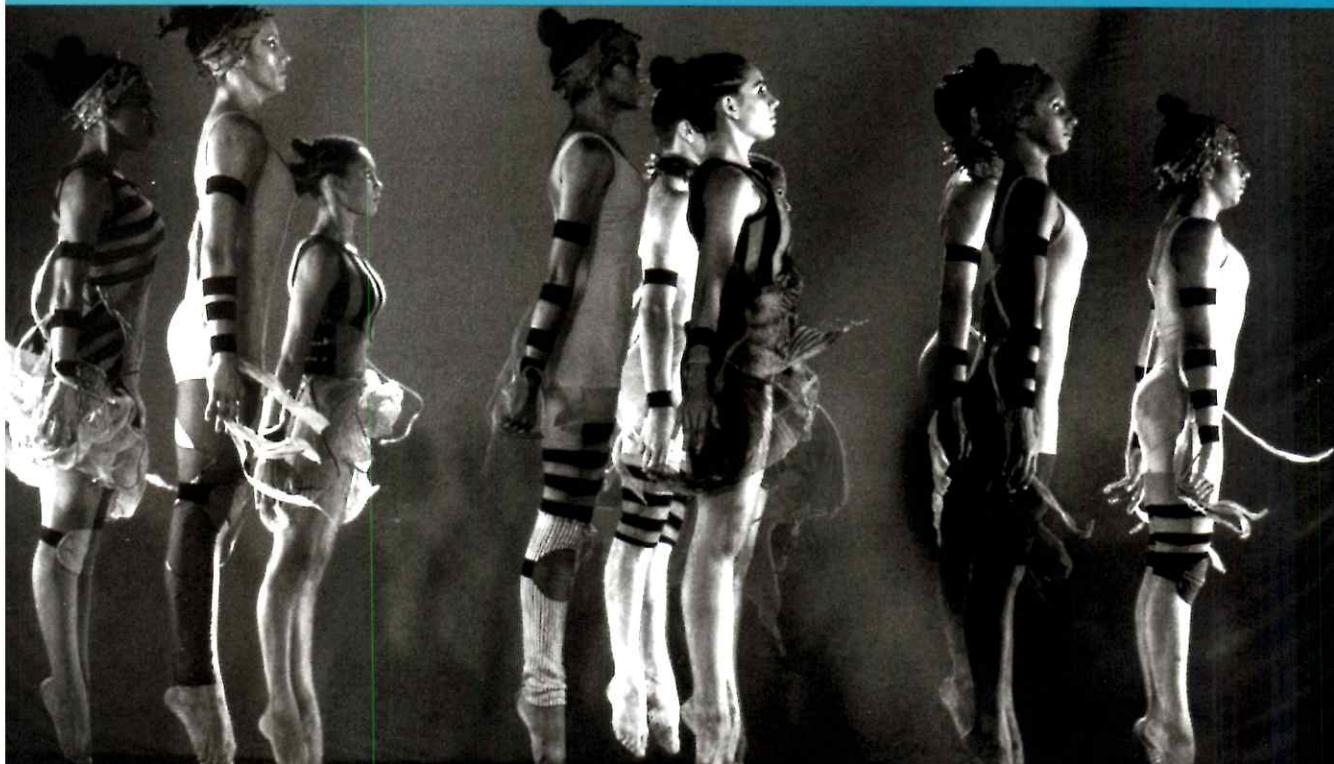
EDISCA

A Escola de Dança e Integração Social para Criança e Adolescente (Edisca) promove a arte e a cultura por meio da dança. Criada em fevereiro de 1991, em Fortaleza (CE), tem como público crianças e adolescentes em situação de risco social, na faixa etária de 7 a 17 anos.

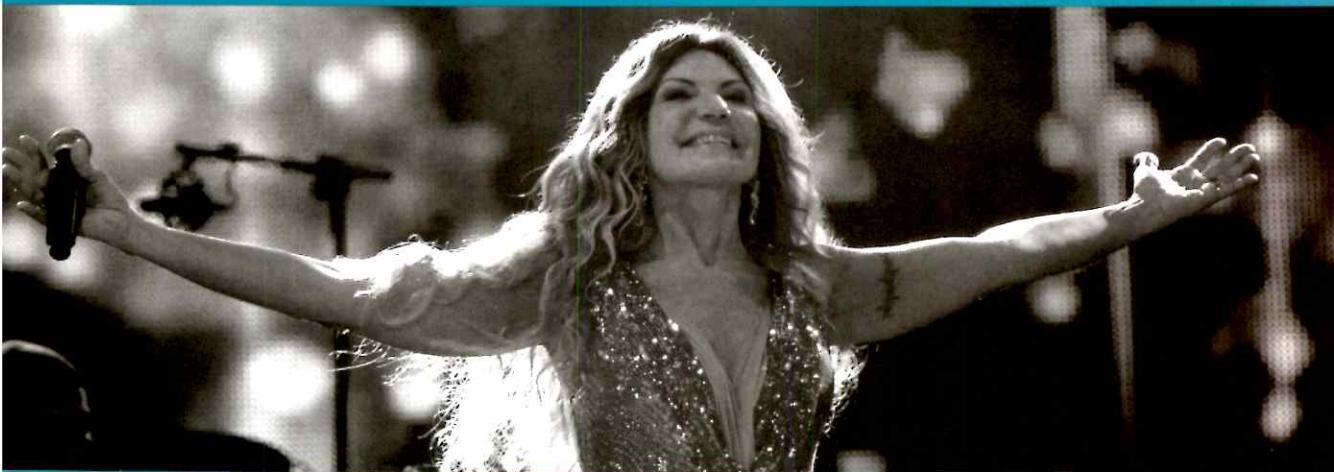
São mais de 400 crianças e adolescentes que passam por um processo formativo e educativo para realização e apresentação de grandes espetáculos. Os alunos participam de aulas de dança, ensaios, cursos de antropologia da dança e têm acesso ao Ponto de Cultura. A Edisca também oferece educação para saúde,

oficinas de estudos, aulas de informática, círculos educativos para pais e familiares, grupos de convivência, além de desenvolver a cidadania por meio da expressão cultural e artística.

Outra atividade importante desenvolvida pela Edisca é a assistência à saúde, a partir do atendimento por psicólogos, médicos ambulatoriais, odontólogos, nutricionistas e outros. Para manter o processo de formação de alunos, a sede da Escola, o mobiliário e os equipamentos, a Edisca trabalha em parceria com a Fundação Beto Studart, financiadora do projeto.



ELBA RAMALHO



Nascida no alto sertão paraibano começou a tomar gosto pela música na adolescência quando se mudou para Campina Grande, onde cursou o antigo ginásial. Em 1966 pisou num palco pela primeira vez com o coral da Fundação Artística e Cultural Manuel Bandeira. Cursando Sociologia e Economia na UFPB formou o conjunto musical **As Brasas**, composto apenas por mulheres.

Na década 1970 se apresentou no Rio de Janeiro como **cronner** ao lado do Quinteto Violado e não retornou mais à Paraíba, abandonando o curso universitário para tentar a carreira artística. Em 1974 participou da montagem teatral **Viva o Cordão Encarnado**, chamando a atenção da crítica pela hiperatividade no palco. Na época passou a frequentar o Baixo Leblon, onde conheceu artistas e produtores culturais da cidade.

Em 1978 interpretou a prostituta Lúcia em **A Ópera do Malandro**, de Chico Buarque, dirigida por Luís Antônio Martinez Correia, dividindo o

palco com nomes consagrados como Emiliano Queiroz, Otávio Augusto e Marieta Severo. Com grande destaque na peça impulsionou sua carreira de cantora e atriz. Vendo o sucesso da estreante cantora, Chico Buarque inseriu uma gravação da música da peça **O Meu Amor**, interpretada por Elba e Marieta Severo, no disco que leva o nome da canção.

O sucesso da música proporcionou a gravação do 1º disco solo **Ave de Prata**, em 1979. Desde então, Elba direcionou sua carreira como cantora, embora tenha participado como atriz em **Morte e Vida Severina**, dirigida por Walter Avancini e **Arca de Noé 2**, dirigida por Augusto César Vannucci, ambos especiais da TV Globo e que fixaram definitivamente seu nome no cenário nacional.

Considerada uma das principais intérpretes da música brasileira, Elba, ao longo de quase 45 anos de carreira gravou 29 discos, participou de mais de sete filmes e fez inúmeras participações especiais em novelas e seriados de TV.

Maria de Fátima Palha de Figueiredo, a cantora e atriz Fafá de Belém, nasceu em Belém do Pará em agosto de 1956. De uma família de classe média alta da capital paraense desde a infância destacava-se nas reuniões familiares com a voz afinada. Na adolescência, em parceria com amigos, fez alguns espetáculos em bares e casas noturnas. Fugiu de casa para realizar o sonho de ser cantora, uma vez que sua família não aprovava.

Em 1973 conheceu o baiano Roberto Santana, produtor do grupo Quinteto Violado e musical da Polygram, que a aconselhou a investir na carreira fonográfica. Assim, apresentou-se no Rio de Janeiro, Salvador e em Belém.

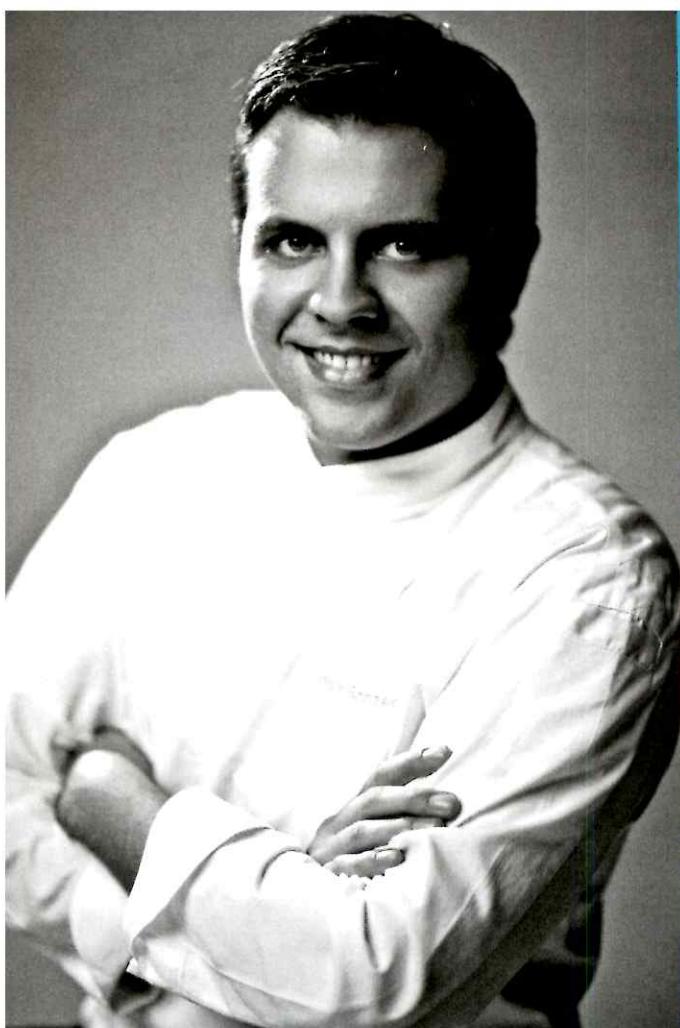
Em 1975 teve o primeiro grande momento de sucesso com a canção *Filho da Bahia*, de Walter Queiroz, que estourou nas rádios.

A música, gravada exclusivamente para a trilha sonora da novela global *Gabriela*, também originou um clipe no programa *Fantástico*, da mesma emissora. Na mesma época lançou o primeiro compacto com músicas, como *Naturalmente* (de Caetano Veloso e João Donato) e *Emoriô* (de Gilberto Gil e João Donato).

Em 1979 lançou seu maior sucesso até hoje - *Sob medida*, de Chico Buarque. A música integrou o repertório de um dos melhores discos de sua carreira: o eclético *Estrela radiante*, onde se alternou entre canções regionais e urbanas.

FAFÁ DE BELÉM





FELIPE SCHAEDLER

Vivendo há dez anos em Manaus, o catarinense de Maravilha e amazonense de alma, como se define, Felipe Schaedler dá à culinária do Amazonas maior visibilidade nos grandes centros do país. Estudou gastronomia no Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas e fez especializações no Instituto Italiano de Culinária para Estrangeiros no Rio Grande do Sul.

Estagiou em restaurantes de renome, conviveu e trabalhou com grandes mestres

da culinária. Atrás de conhecimento e novas descobertas explorou o interior do estado do Amazonas em busca de ingredientes, fornecedores e produtos amazônicos, sempre ouvindo os caboclos e suas estórias.

Sua cozinha recebe influência indígena e cabocla e como ele mesmo diz, é "a nova cozinha do Amazonas". "Não faço receitas contemporâneas, apenas uso técnicas e procedimentos contemporâneos em alguns pratos".

Para ele a comida precisa emocionar. E confidencia: "Além dos mistérios que guardam as florestas e os rios, o povo e suas tradições, a Amazônia envolve nossos sentidos de forma plena e definitiva. Meu maior sonho e objetivo é consagrar o local onde escolhi viver e trabalhar por meio da gastronomia. Divulgar para o Brasil e para o mundo os sabores do Amazonas".

FUNDARTE

A primeira semente do que hoje é a Fundação Municipal de Artes de Montenegro - Fundarte foi lançada em julho de 1959 com a criação do Conservatório Municipal de Música. A partir de vários estudos, nos anos de 1982 e 1983, transformou-se em Fundação.

Ao longo de 39 anos, a Fundarte tem sido responsável pela difusão e desenvolvimento de várias manifestações artísticas na região. Atuando como Escola de Artes em quatro áreas da expressão artística - Artes Visuais, Dança, Música e Teatro - recebe anualmente centenas de alunos, com idades entre 4 e 85 anos.

Defendendo a inclusão cultural, a Fundarte busca atender crianças em situação de vulnerabilidade social por meio do Projeto Dançar (Prêmio Itaú-Unicef/1997 e chancela da Unesco/2005) bem como nos projetos Cordas e Ação Comunitária. Por meio de convênios e parcerias realiza inúmeras atividades junto à comunidade local, como com o Instituto Arte na Escola/ Fundação Iochpe/SP para a efetivação do Polo Fundarte da Rede Arte na Escola.

Durante 14 anos realiza no mês de julho o Festival de Música de Montenegro, o Seminário Nacional de Arte e Educação, que está em sua 23ª edição, o Encontro Nacional de Pesquisa em Arte, em sua 5ª edição e que congrega pesquisadores do país, além de palestras, cursos, oficinas, mostras, salões e exposições de arte que tornam a cidade conhecida como 'Cidade das Artes'.



HEBE CAMARGO

IN MEMORIAM

Hebe Maria Monteiro de Camargo Ravagnani, mais conhecida como Hebe Camargo, nasceu em Taubaté (SP), em 8 de março de 1929 e morreu em 29 de setembro de 2012. Foi apresentadora de televisão, atriz, humorista e cantora. Ficou conhecida como a 'rainha da televisão brasileira'.



Aos 15 anos iniciou carreira como cantora na rádio Tupi, apresentando-se no programa **Clube Papai Noel**. Na década de 1940 formou, juntamente com sua irmã e duas primas, o quarteto **Dó-Ré-Mi-Fá**; o grupo durou três anos. Em 1944, no programa **Arraial da Curva Torta**, da rádio Difusora, formou com sua irmã Stella Monteiro de Camargo Reis a dupla caipira **Rosalinda e Florisbela**. Seguiu na carreira de cantora com apresentações de sambas e boleros em boates.

Em 1955 Hebe deu início ao primeiro programa feminino da TV brasileira, **O Mundo é das Mulheres**. Em 10 de abril de 1966 foi ao ar o programa dominical **Programa Hebe**, que a consagrou como entrevistadora.

Hebe passou por quase todas as emissoras de TV do Brasil, entre elas a Record e a Bandeirantes, nas décadas de 1970 e 1980. Na Bandeirantes, ficou até 1985, quando foi contratada pelo SBT.

A última exibição do programa Hebe na RedeTV ocorreu no dia 25 de setembro de 2012, em edição especial de despedida da emissora. O SBT anunciou dois dias depois a volta da apresentadora para a emissora.

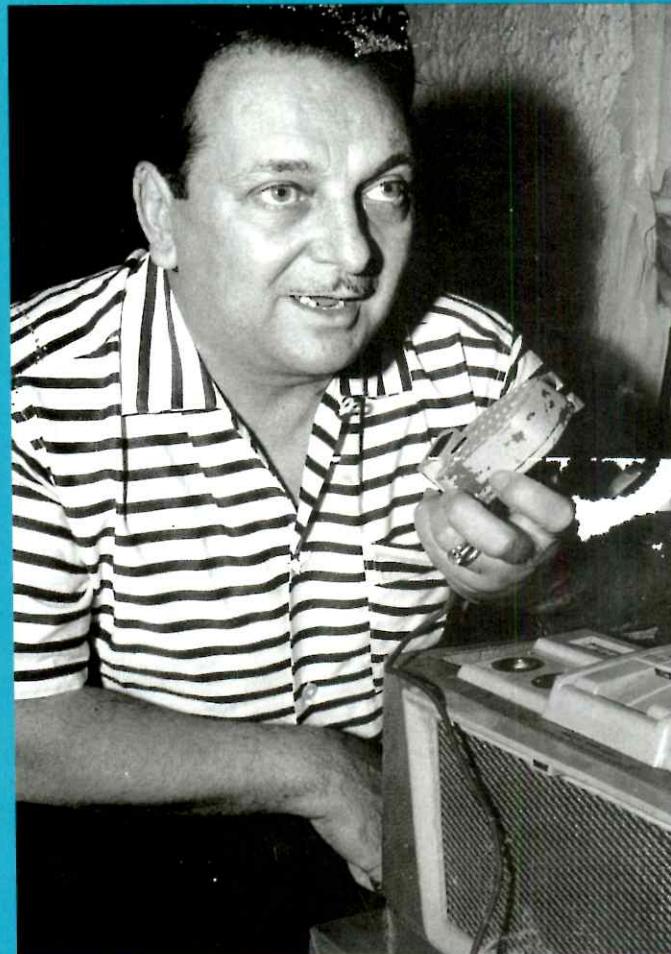
Ainda na primeira infância, Herivelto já era artista nas peças que o pai organizava. Dentre as muitas atividades que desempenhou fora do mundo artístico, trabalhou numa barbearia, onde conheceu grandes sambistas da época e conseguiu ter algumas de suas composições gravadas, como **Da Cor do Meu Violão** e **O Terço do Zé Faustino**. Daí não parou mais de fazer música.

Com Francisco Sena, seu colega na rádio Tupi, e depois com Nilo Chagas formou a dupla Preto e Branco. Em 1936 conheceu Dalva de Oliveira que logo tornou-se sua esposa e companheira de trabalho. Assim, a dupla Preto e Branco virou o Trio de Ouro, um sucesso que durou até 1949.

São dessa época as composições **Acorda Escola de Samba**, **Duas Lágrimas**, **Se o morro não descer**, **Cabaré no Morro**, **Na Bahia**, **Ceci e Peri**, entre outras.

No fim da década de 1940 Herivelto e Dalva separaram-se, dando início a uma tumultuada polêmica musical que duraria cerca de dois anos, com participação de todos os jornais e revistas da época. Acabava aí o primeiro Trio de Ouro.

Desfeito o trio original, Herivelto passou a se apresentar em festivais e criou a 'Escola de Samba de Salão', fez participações em cinema e compôs **Pensando em Ti**, mais um grande sucesso.



HERIVELTO MARTINS

IN MEMORIAM

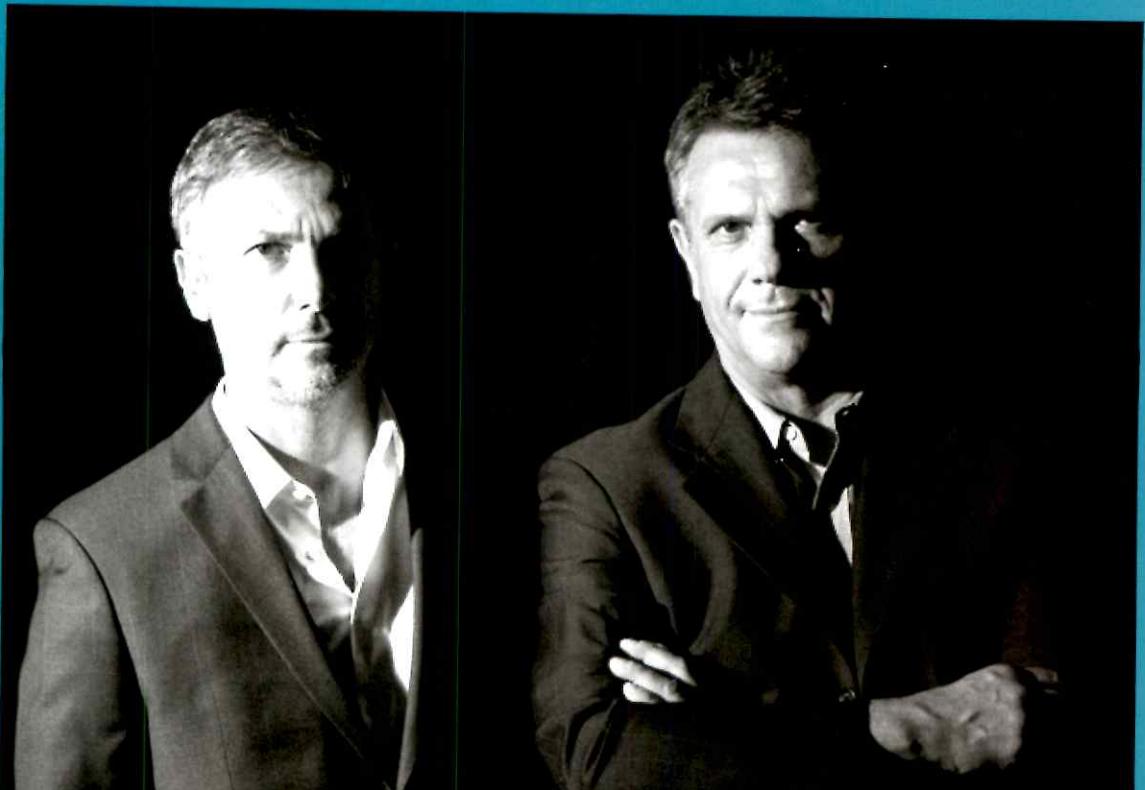
IRMAOS CAMPANA

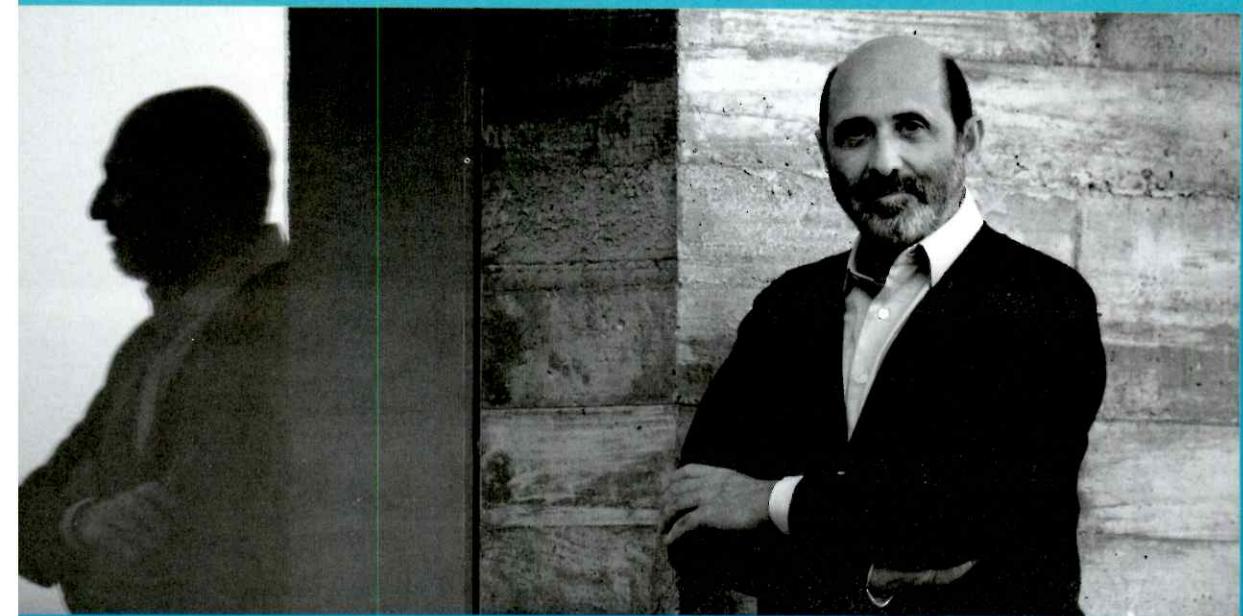
Os Irmãos Campana (Humberto Campana, Rio Claro, março de 1953, e Fernando Campana, Brotas, maio de 1961) há mais de 20 anos criam peças e objetos - alguns de mobiliário - reaproveitando diversos tipos de material.

Em 1989, Humberto, formado em Direito, e Fernando, arquiteto, organizaram a exposição 'Desconfortáveis', onde exibiram peças sem acabamento aparente. Foram os primeiros designers brasileiros a expor no MOMA - Museu de Arte Moderna de Nova York, em 1994.

Suas peças são confeccionadas com materiais como cordas, lascas de madeira, EVA, fios de PVC, guarda-chuvas, papelão, garrafas pet, ralos de banheiro e outros materiais considerados **kitsch**, como ursos de pelúcia. Enquanto o design caminhava para a industrialização, os irmãos Campana inovaram e a partir de suas intervenções criaram peças que se aproximam da arte.

Convidados para exposições pessoais e coletivas, workshops, palestras, cursos, os Campana viajaram por diversos lugares e ganharam inúmeros prêmios. Com obras expostas nos principais museus do mundo, hoje, são reconhecidos pela crítica especializada como designers de maior criatividade deste início de século.





O premiado arquiteto Isay Weinfeld assina projetos inovadores como o da Casa Fasano e da loja das Havaianas, em São Paulo, e a Casa de Brasília. Nascido em 1952 em São Paulo, formou-se na Universidade Presbiteriana Mackenzie onde ocupou, mais tarde, a cadeira de Teoria da Arquitetura.

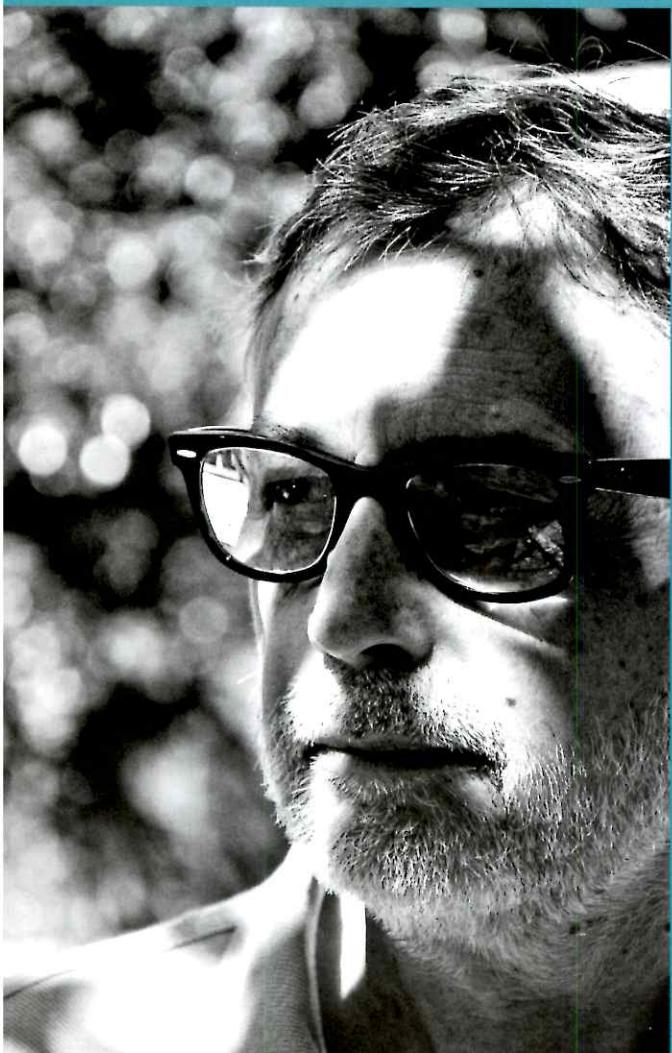
Foi professor de Expressão Cinética no curso de Arquitetura da Fundação Álvares Armando Penteado (FAAP). O arquiteto também trabalha com cinema - dirigiu filmes, como *Fogo e Paixão*, de 1988 - é cenógrafo e designer de mobiliário. Sua paixão por cinema o levou, inclusive, a projetar uma casa inspirada no filme *O Sétimo Selo*, do diretor sueco Ingmar Bergman. Seu trabalho foi publicado em veículos de

diversos países, como a influente revista norte-americana **Architectural Digest**. No início de 2012 venceu pela segunda vez o MIPIM AR Future Projects Awards, da revista inglesa *Architectural Review*, com o projeto OKA Building.

Com 28 anos de carreira, o arquiteto virou tema de livro. Escrito pelo jornalista e arquiteto norte-americano Raul Barreneche, o livro **Isay Weinfeld** é uma coletânea de 15 obras residenciais do arquiteto, com 200 fotos e plantas. A edição, em inglês e português, explica os passos de cada projeto.

ISAY
WEINFELD

ISMAIL XAVIER



Ensaísta, crítico de cinema, professor e escritor, nasceu em 9 de junho de 1947, em Curitiba (PR). Formado em Engenharia Mecânica na Escola Politécnica (USP) e em Comunicação Social (Habilitação Cinema) na Escola de Comunicação e Artes (USP), em 1970, tem mestrado em **Teoria Literária** (USP). É PhD em Cinema Studies pela Graduate School of Arts and Science da New York University, em 1982, onde também fez pós-doutorado concluído em 1986.

Foi professor-visitante da New York University (1995), da University of Iowa (1998), da Université Paris III, Sorbonne Nouvelle (1999). Membro do Conselho Consultivo da Cinemateca Brasileira, desde 1977, é também membro do Conselho Editorial das revistas acadêmicas Novos Estudos Cebrap e Literatura e Sociedade. Coordena a coleção Cinema, Teatro e Modernidade e com o apoio do CNPq desenvolve trabalhos na área de cinema desde 1989.

Desde 1971 é professor do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da USP, onde atua como orientador de mestrado e doutorado na área de cinema, além de participar de núcleos de pesquisa do Centro de Estudos da Metrópole.

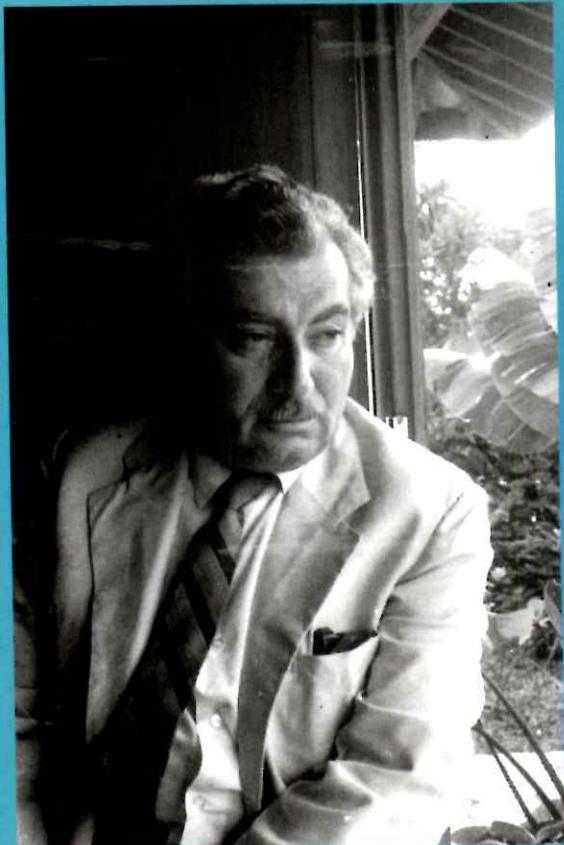
Jorge Leal Amado de Faria nasceu em Itabuna, Bahia, em 1912. Viveu a maior parte da infância em Ilhéus, lugar que lhe serviu de inspiração para vários romances. Estreou na literatura em 1930, com a publicação da novela *Lenita*, escrita em colaboração com Dias da Costa e Édison Carneiro. Seus primeiros romances foram *O País do Carnaval* (1931), *Cacau* (1933) e *Suor* (1934).

Foi para o Rio de Janeiro, então capital da República, para estudar na Faculdade de Direito da então Universidade do Rio de Janeiro, que na década de 1930 era um pólo de discussões políticas e de arte, e ali teve seus primeiros contatos com o movimento comunista organizado.

Formou-se em 1935, mas nunca exerceu a profissão de advogado. Em 1939, foi redator-chefe da revista *Dom Casmurro*. De 1935 a 1944, escreveu os romances *Jubiabá*, *Mar Morto*, *Capitães de Areia*, *Terras do Sem-Fim* e *São Jorge dos Ilhéus*.

Suas obras foram traduzidas para 48 idiomas. É o autor mais adaptado da televisão brasileira. Sucessos como *Tieta do Agreste*, *Gabriela*, *Cravo e Canela* e *Teresa Batista Cansada de Guerra* são criações suas, além de *Dona Flor e seus Dois Maridos* e *Tenda dos Milagres*, entre outras. Em abril de 1961 foi eleito para a cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Morreu aos 88 anos, em agosto de 2001.



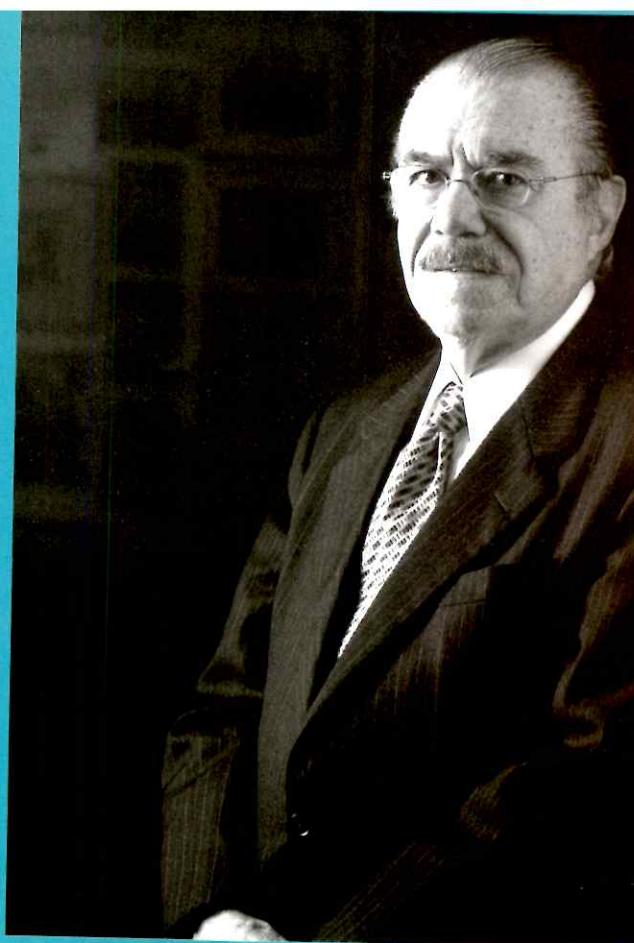
JORGE
AMADO
IN MEMORIAM

político, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras desde 1980, quando sucedeu o escritor José Américo de Almeida ocupando a cadeira 38, que tem como patrono o poeta Tobias Barreto. Foi o 31º presidente do Brasil (1985 a 1990), governador do estado do Maranhão e presidente do Senado Federal, cargo que ocupa atualmente.

Nasceu em 1930, em Pinheiro (MA), e formou-se em Direito pela Universidade Federal do Maranhão. Ao lado de escritores como Bandeira Tribuzzi e Lucy Teixeira, fez parte de um movimento literário difundido por meio da revista que lançou o pós-modernismo no Maranhão, *A Ilha*.

Nesse período era membro da Academia Maranhense de Letras. Ingressou na carreira política em 1954 quando, filiado ao Partido Social Democrático (PSD), foi eleito suplente de deputado federal.

Ao lado da vida política, Sarney desenvolveu extensa carreira literária como autor de contos, crônicas, ensaios e romances. É autor de importantes obras, com destaque para o livro de contos *O Norte das Águas* e os romances *O Dono do Mar* e *Saraminda*, traduzidos em muitas línguas.



JOSÉ
SARNEY

Marieta Severo da Costa nasceu no Rio de Janeiro, em 1946. Estudou balé clássico durante anos e sonhou ser bailarina. Mudou de ideia aos 16 anos, quando conheceu o curso de teatro do Tablado e a professora Maria Clara Machado e decidiu pela carreira de atriz. A estreia no teatro foi com a peça **Feitiços de Salém** na década de 1960 – época em que também fez sua primeira novela, **O Sheik de Agadir**.

Em 1968 fez parte do musical **Roda Viva** escrito pelo cantor e escritor Chico Buarque, com quem foi casada e teve três filhas, Silvia, Helena e Luísa. Na época da ditadura militar, ela e Chico moraram em Roma.

Marieta tem grandes trabalhos na televisão, como **E Nós, Aonda Vamos?**, **Bandidos da Falange**, **Champagne**, **Ti-Ti-Ti**, **Tarcísio & Glória**, **Deus nos Acuda**, **A Comédia da Vida Privada**, **Laços de Família**, entre outros. Também fez carreira no cinema estrelando produções como **Chuvas de Verão**, **Bye Bye Brasil**, **O Homem da Capa Preta**, **Sonho Sem Fim**, **Carlota Joaquina – Princesa do Brasil**, **A Dona da História** e **Cazuza – O Tempo Não Pára**.

Atualmente, é a Dona Nenê do seriado **A Grande Família** que estreou na TV em 2001 e também já foi para os cinemas. A atriz e a amiga Andréa Beltrão são proprietárias do Teatro Poeira, no Rio de Janeiro, inaugurado em 2005.

MARIETA SEVERO





MÁRIO SCHENBERG

IN MEMORIAM

Multidisciplinar, complexo, intenso. Assim pode ser resumido o trabalho deste pernambucano, nascido em 1914, que dedicou sua vida à ciência e às artes. Físico, político e crítico de arte, atuou ativamente em cada campo que se debruçou tendo deixado um importante legado.

Mário Schenberg foi, antes de tudo, um apaixonado pelo conhecimento e pela descoberta. Mantinha grande interesse pelas artes plásticas, tendo convivido com artistas brasileiros como Di Cavalcanti, Lasar Segall, José Pancetti, Mário Gruber e Cândido Portinari, e também estrangeiros, como Bruno Giorgi, Marc Chagall e Pablo Picasso.

Atuou também como crítico de arte, escrevendo diversos artigos sobre

artistas contemporâneos brasileiros como Alfredo Volpi, Lygia Clark e Hélio Oiticica. Com ativa participação política foi eleito duas vezes deputado estadual por São Paulo. Em função de suas ligações com o Partido Comunista Brasileiro foi cassado e preso mais de uma vez pela ditadura militar brasileira.

A diversificação de seus interesses data de sua infância e foi influenciada pelas viagens feitas com seus pais à Europa, onde esteve em contato com a arquitetura gótica e começou a se interessar pela história. Desde cedo mostrou notável capacidade para a matemática, encantando-se com a geometria que teve forte influência em seus futuros trabalhos.

Morreu em São Paulo, em 1990.

MARTHA MEDEIROS

É colunista do jornal **Zero Hora** de Porto Alegre, e de **O Globo**, do Rio de Janeiro. Estudou no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, instituição tradicional de Porto Alegre. Formou-se em 1982 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. É casada e tem duas filhas.

Trabalhou em propaganda e publicidade, mas logo se sentiu frustrada com a carreira. Quando seu marido recebeu uma proposta de trabalho no Chile, decidiu que uma mudança de país seria uma ótima oportunidade para dar um tempo na profissão. Esta estada de nove meses no Chile na qual passou escrevendo poesia acabou sendo um divisor de águas na sua vida. Quando voltou para Porto Alegre, começou a escrever crônicas para jornal e, a partir daí, sua carreira literária deslanchou.

O livro **Strip-Tease** (1985), editora Brasiliense/SP, foi o primeiro de seus trabalhos publicados. Seguiram-se **Meia noite e um quarto** (1987), **Persona non grata** (1991), **De cara lavada** (1995), **Poesia Reunida** (1998), **Geração Bivolt** (1995), **Topless** (1997) e **Santiago do Chile** (1996). Seu livro de crônicas **Trem-Bala** (1999) já na 9^a edição foi adaptado com sucesso para o teatro.



nos cinemas do Brasil. Paulista, nascido em 1912 em uma família numerosa e com poucos recursos, começou a carreira no circo ainda adolescente. Aos 14 anos, deixou a casa dos pais para acompanhar o Circo La Paz, da capital paulista. Entre um número e outro de faquir, ele contava anedotas e 'causos'.

Foi membro de muitas trupes teatrais, com as quais percorreu muitos municípios do interior de São Paulo. Fez muitas peças e atuações elogiadas.

Em 1946, Mazzaropi é convidado para fazer o programa **Rancho Alegre** na Rádio Tupi de São Paulo. Em 1950, é inaugurada a primeira emissora de televisão brasileira, a TV Difusora, onde o mesmo programa estreou na televisão.

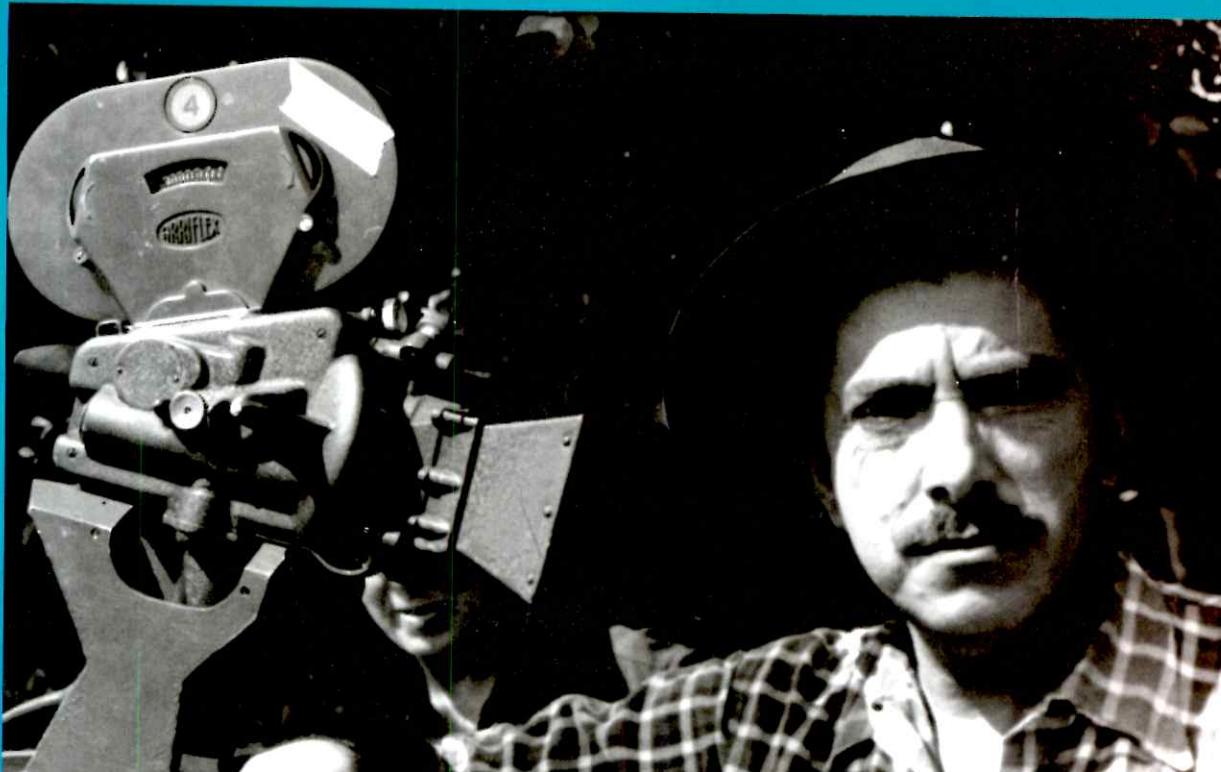
Em 1952, lançou o filme **Sai da Frente**, o primeiro de muitos. Até sua morte em 1981, aos 69 anos de idade, produziu 32 filmes. Além de produzir, roteirizar e escrever ele também estrelava os próprios filmes.

Seus filmes abordavam o racismo, a religião, a política e a ecologia. Era conhecido por falar 'a língua do povo' e foi um grande sucesso de público em sua época. Fazem parte da filmografia obras como **Chico Fumaça**, **Jeca Tatu** e **As aventuras de Pedro Malasartes**, entre outros.

Morreu aos 69 anos, em 1981.

MAZZAROPI

IN MEMORIAM



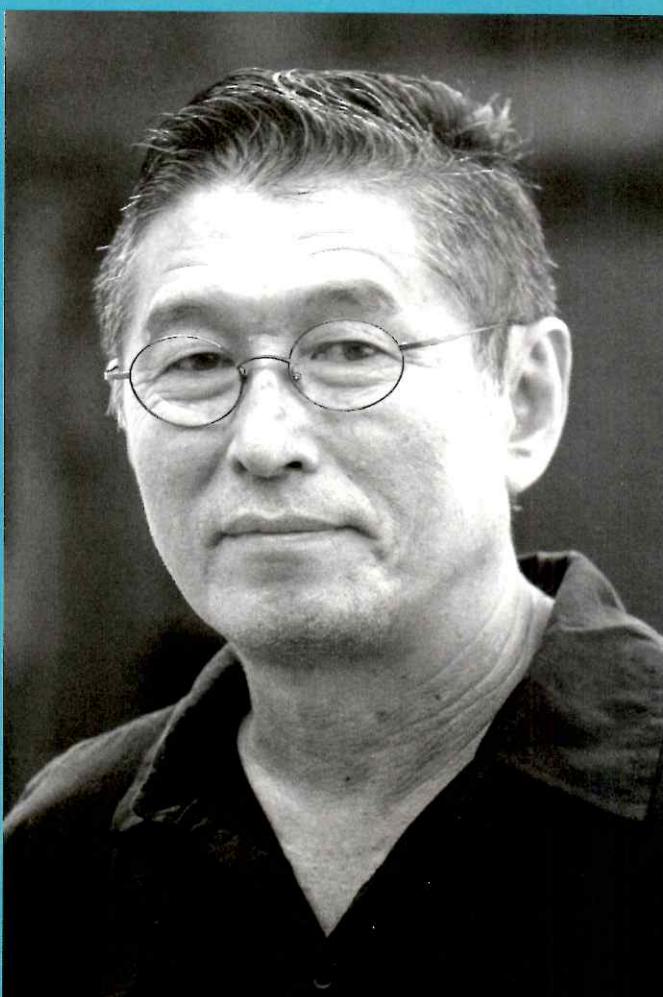
MIGUEL TAKAO CHIKAOKA

Fotógrafo nascido em Registro, interior de São Paulo, em 1950, estudou engenharia na Universidade de Campinas e na École Supérieure de Mécanique et Électricité de Nancy, na França. Voltou para o Brasil e foi morar em Belém (PA), onde trabalhou como correspondente das agências F4 e N-Imagens.

Foi responsável por projetos de profunda influência no Norte do país como a oficina Fotoativa e o sistema alternativo de exposições em praça pública, conhecido por Foto Varal. Coordenou a 1^ª e a 2^ª Mostra Paraense de Fotografia, realizadas em 1982 e 1983, respectivamente, além de ter sido diretor de assuntos culturais do Grupo Foto Pará, entre 1984 e 1986.

Atualmente, o fotógrafo dedica-se à coordenação do departamento de ensino e pesquisa da FotoAtiva, ateliê voltado para o ensino da fotografia que, em 2000, foi transformado em Associação.

Criou as jornadas 'Belém 24 Horas' e as oficinas 'Fotografia Sensorial', 'Photo Morphosis', 'Fotografia Experimental', 'Brincando com a Luz' e, mais recentemente, 'Tubo de Ensaio'. Chikaoka já ministrou oficinas e palestras no Brasil e no exterior.



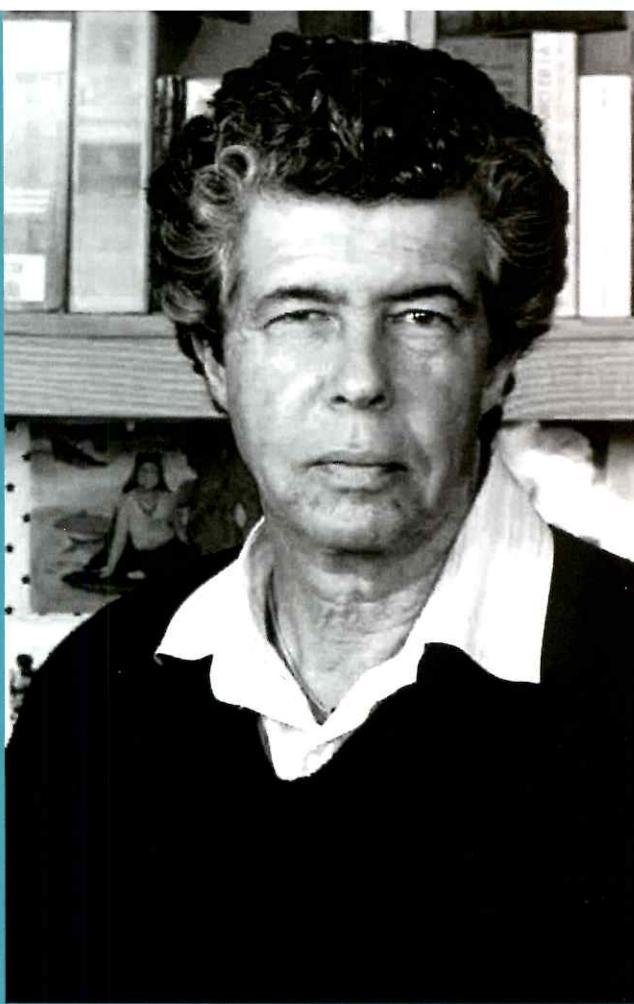
Antropólogo e fotógrafo brasileiro, nascido no bairro carioca da Tijuca, em 1948, estudou no Colégio Militar e cursou Direito na UFRJ, de onde saiu para o exílio em Paris. Ao retornar ao país fundou em Brasília, juntamente com os fotógrafos Eliane Mota e Rolnan Pimenta, a Ágil (Agência Imprensa Livre) que congregava jovens fotógrafos e integrava o nascente movimento de agências independentes de fotografia.

É doutorado em Antropologia pela École des Hautes Études em Sciences Sociales (França) e mestre em Comunicação Social pela UnB (onde lecionou).

É o realizador e coordenador-geral do FotoRio - Encontro Internacional de Fotografia do RJ. Autor dos livros Encontro na Bahia (1979), de Agudás - os 'brasileiros do Benim' (2000) e Linguagem fotográfica e informação (2002, 3^a ed).

Guran ganhou o prêmio Vitae (1990), o 10º Prêmio Marc Ferrez da Funarte (1998) e o Prêmio Pierre Verger da Associação Brasileira de Antropologia (Prêmio Especial do Júri/2002), o prêmio Ori 2007 da prefeitura do Rio e o prêmio Orilaxé 2009 do Grupo Cultural AfroReggae.

Pesquisador associado do Laboratório de História Oral e Imagem da UFF, membro do Comitê Científico Internacional do Projeto Rota do Escravo da Unesco e da diretoria executiva da Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil. Atualmente é professor no Curso de Comunicação Social da Universidade Gama Filho (RJ) e pesquisador associado do Centro de Estudos Afro-asiáticos da Universidade Cândido Mendes (RJ).



**MILTON
GURAN**

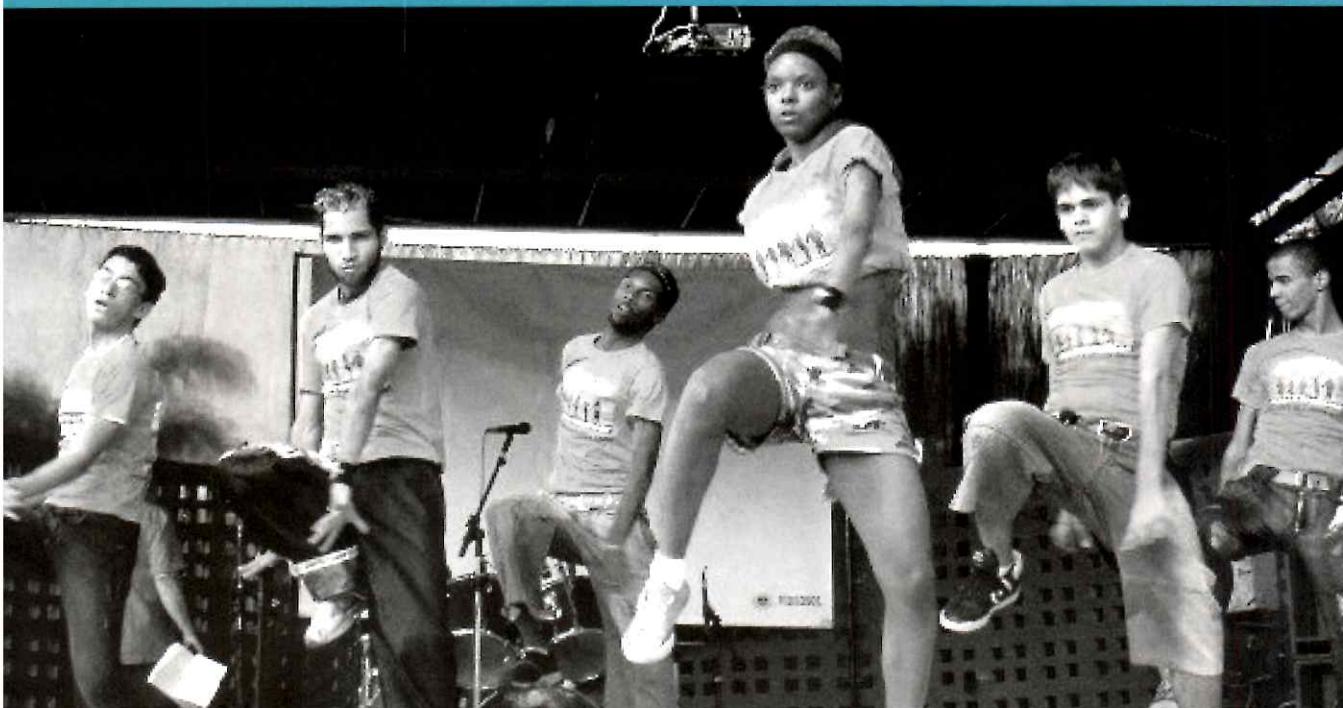
MOVIMENTO GAY DE MINAS - MGM

Fundado em 28 de junho de 2000, o Movimento Gay de Minas (MGM) é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, que atua no estado de Minas Gerais e trabalha, principalmente, no combate à homofobia, ao ódio e à intolerância contra GLBTs (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros).

O MGM está à frente de diversas lutas, projetos e debates que envolvem todo o movimento homossexual brasileiro e é pioneiro da causa em Minas Gerais. O trabalho do Movimento Gay de Minas

funciona por meio de voluntariado e de projetos financiados por órgãos públicos, como os ministérios da Saúde e da Cultura e Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais.

Um dos objetivos da instituição é atuar como centro de convivência para cidadãos e cidadãs homossexuais, ponto de encontro, troca de experiências e valorização da cultura gay. Um local onde essas pessoas possam se reunir, discutir e encontrar na união soluções para uma melhor qualidade de vida.



MUSEU HISTÓRICO NACIONAL



Vinte mil metros quadrados destinado à história do Brasil. Assim pode ser definido o Museu Histórico Nacional criado no centenário da independência do Brasil pelo então presidente Epitácio Pessoa. Passados 90 anos, esse espaço, encravado no centro histórico do Rio de Janeiro reúne um acervo de mais de 348.515 itens.

O acervo é composto por documentos, imagens, moedas, selos, móveis, armas, esculturas, pratarias etc., utilizados no estudo, preservação e divulgação da História do Brasil.

Além das exposições, o museu possui o maior acervo numismático e filatélico

da América Latina, com cerca de 127.000 peças, entre moedas, cédulas, selos, carimbos, sinetes, medalhas e ordens honoríficas.

Há várias peças raras, como a moeda 'Peça da Coroação', com tiragem de apenas 64 exemplares, cunhada a mando do Imperador Dom Pedro I para comemorar sua coroação, em 1822; medalha em homenagem a Louis Pasteur; bulas dos papas Clemente VI (século XIV) e Júlio II (séculos XV e XVI) e a Insignia Imperial Ordem da Rosa, criada para perpetuar a memória do segundo casamento de Dom Pedro I com Dona Amélia de Leuchtenberg.

MUSEU DE VALORES DO BANCO CENTRAL DO BRASIL

O Museu de Valores foi inaugurado em agosto de 1972, no Rio de Janeiro, como parte das comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Sua transferência para Brasília se deu com a construção do edifício-sede do Banco Central. A abertura oficial do espaço na capital federal aconteceu em setembro de 1981.

O acervo do Museu tem cerca de 125 mil peças, brasileiras e estrangeiras, abrangendo dos mais antigos aos mais modernos meios de pagamento. São cédulas, moedas e outros valores impressos, barras de ouro, medalhas e curiosidades ligadas ao dinheiro e a tecnologia de sua fabricação.

Possui uma das mais completas coleções de moedas e cédulas brasileiras, com

peças representativas de todos os períodos da história do país. Esta coleção inclui exemplares de extrema raridade, como a 'Peça da Coroação' da qual foram cunhadas apenas 64 moedas para comemorar a coroação de D. Pedro I como imperador do Brasil, em 1822.

O museu abriga as seguintes salas: Brasil, Mundo, Ouro, Emissões do Banco Central do Brasil, Curiosidades Monetárias, Outros Valores, Fabricação do Dinheiro e uma máquina de cunhar de 1937 para a distribuição de medalhas-brindes aos visitantes. Além desses espaços, existem áreas destinadas a exposições temporárias e atividades complementares de estudantes.



ORLANDO ORFEI



Domador, pintor, escritor, dublê de cinema e televisão, empresário, diretor circense e músico. O Circo Orfei nasceu na Itália em 1825 com seu avô Paulo Orfei. Orlando estreou no picadeiro aos 6 anos de idade como palhaçinho dentro das calças do irmão. Foi malabarista, equilibrista, ciclista acrobático e mágico. Em 1956, tornou-se domador – atividade que o levou a ser considerado um dos melhores do mundo.

Foi condecorado pelo governo do seu país como Cavalheiro Oficial da República por sua contribuição para a educação dos jovens. É cidadão honorário no Rio de Janeiro, São Paulo e Goiânia. Recebeu o título de Cidadão Carioca pelo município do Rio de Janeiro e de Cidadão Iguaçuano pela Câmara Municipal de Nova Iguaçu-RJ. Foi recebido por papas, estrelas de cinema e estadistas.

Orlando Orfei veio ao Brasil em 1968 para uma apresentação no Festival Mundial do Circo. Logo, se apaixonou pelo Brasil e decidiu ficar, deixando na Itália um legado inestimável de tradição e cultura circense. Em pouco tempo no Brasil o circo Orlando Orfei tornou- se um dos maiores do país.

Em 2008, Orlando fez sua última apresentação. Hoje, com 92 anos de idade e longe dos picadeiros, mora em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense (RJ).

ORQUESTRA POPULAR BOMBA DO HEMETÉRIO

Formada em 2002, a Orquestra Popular da Bomba do Hemetério é a realização de um sonho do trompetista, compositor e arranjador maestro Forró, em reunir músicos da vizinhança para estudar a linguagem musical acadêmica, conhecer e valorizar a riqueza cultural da Bomba do Hemetério (bairro de Recife) e misturar tudo isto em forma de som.

Focado na pesquisa, manutenção, releitura e interação entre vários ritmos e expressões musicais de Pernambuco, do Brasil e do mundo, o grupo trabalha a formação profissional e cidadã como tema permanente nos seus ensaios, que acontecem, pelo menos, duas vezes por semana durante o ano.

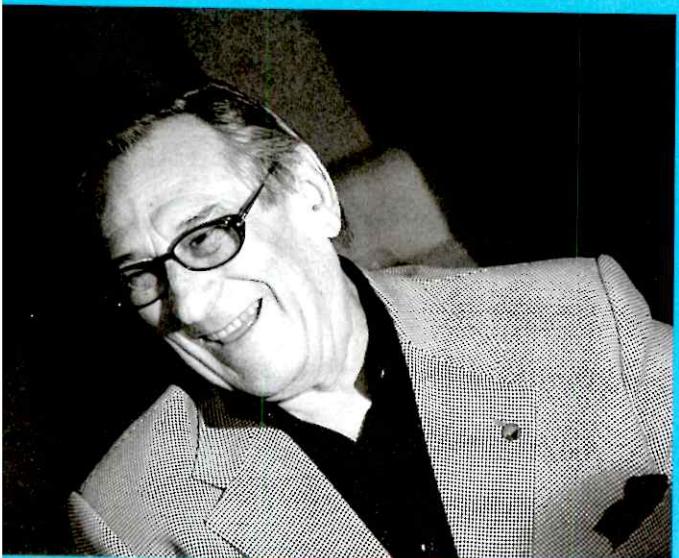
O perseverante trabalho do maestro Forró e dos integrantes da Orquestra mudou para melhor a visão da cidade sobre o

bairro, ajudou a elevar a auto-estima dos seus moradores, que hoje se reconhecem no sucesso da Orquestra e se orgulham de fazer parte dessa história. A OPBH é um dos mais respeitados grupos da nova cena musical de Pernambuco.

Integram a orquestra: maestro Forró (direção artística/musical); Paulo Ricardo e Pequeno (sax alto), Leleu e Everton Lima (sax tenor), Daniel Galego (sax barítono), Roberto Patrício, Clóvis Oliveira Duda, Metralha, Melqui (trompete), Elexandro Gordo, Moacir, Bira Simão, Alexandre Cazuza (trombone), Waltinho d'Souza (tuba, cavaquinho, banjo e percussão), Alberico José (baixo), Wellington Jamaica (bateria e percussão), Cícero Baton e Renato Teodoro (percussão), D'Angelo Espindola e Valéria (vocalistas); equipe técnica: Jéferson Farias (técnico de som) e Cleones José Roadie.



PAULO GOULART



Paulo Antônio Filho nasceu em Ribeirão Preto (SP), em janeiro de 1933, e adotou o nome artístico de Paulo Goulart. É ator, dramaturgo e produtor teatral. É casado com a atriz Nicette Bruno e têm três filhos, Beth Goulart, Paulo Goulart Filho e Bárbara Bruno.

No início dos anos 1950, mudou-se para a capital paulista e passou a trabalhar como rádio-ator na rádio Tupi, onde participou de diversos programas, como o comandado por Mazzaropi, com que fez seu primeiro trabalho em televisão, em 1952.

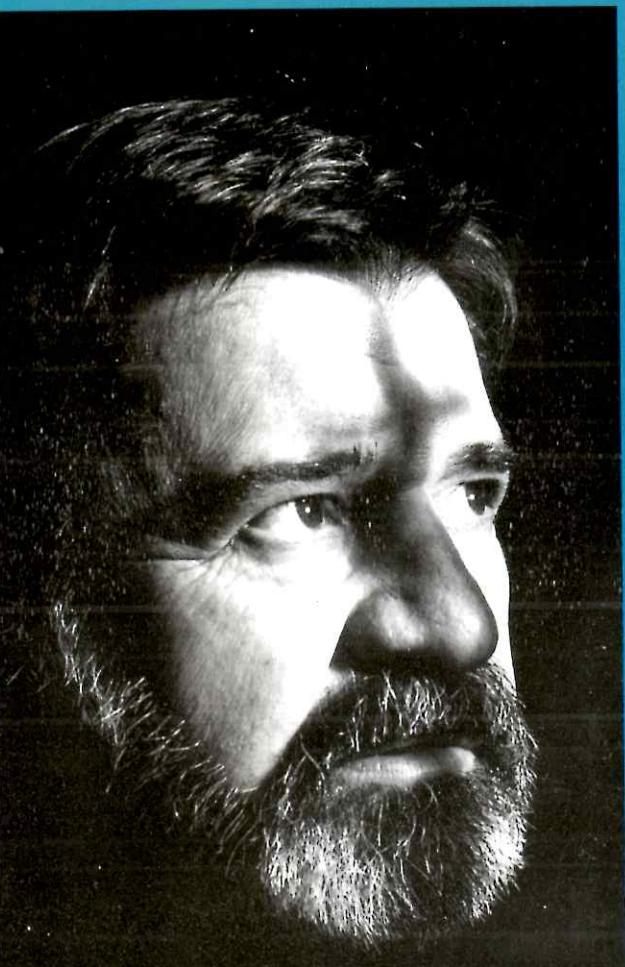
Conheceu o teatro e no mesmo ano passou a integrar a Companhia Nicette Bruno e Seus Comediântes, atuando em *Senhorita Minha Mãe*, de Louis Verneuil, e no mesmo ano em *Amor Versus Casamento*, de Maxwell Anderson. A partir daí, iniciou uma carreira promissora no teatro, participando em 1956 da peça *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues.

A paixão pelo teatro não ficou somente nos palcos e em 1975, ele inicia-se como autor escrevendo *Nós Também Sabemos Fazer*, peça em que dirige ele próprio. Em 1980 escreve *Mãos ao Alto, São Paulo!*, dirigida por Roberto Lage. No ano seguinte, Aderbal Freire-Filho dirige seu texto *Mãos ao Alto, Rio!*.

Entre os trabalhos mais recentes destacam-se *Crimes Delicados* (2000); *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (2001); *Sábado, Domingo e Segunda* (2003); e *O Homem Inesperado*, de Yasmina Reza.

PLÍNIO MARCOS

IN MEMORIAM



Nasceu em Santos (SP) em setembro de 1935 e morreu na capital paulista em novembro de 1999. Foi um dos primeiros a retratar com autenticidade a vida do submundo de São Paulo, com destaque para a homossexualidade, marginalidade, prostituição e violência. Foi dramaturgo, ator, jornalista, tarólogo, camelô de seus próprios livros, técnico da extinta TV Tupi, jogador de futebol e palhaço.

Sua primeira peça – **Barrela** – foi escrita aos 22 anos, depois de tentar ser jogador de futebol e de trabalhar como palhaço de circo por cinco anos. Na década de 1960, participou da criação do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes. Na época, os militares que estavam no poder o viam como “inimigo do sistema”. Tanto que, após 1968, o teatro de Plínio Marcos era sistematicamente censurado; até mesmo **Dois Perdidos Numa Noite Suja** (1966) e **Navalha na Carne** (1967), que já haviam sido apresentadas em diversas regiões do país foram interditadas em todo o território nacional.

Plínio era o próprio símbolo do autor perseguido pela censura. Nos anos 1970, incomodava a ditadura e a censura federal. Foi preso e detido para interrogatório em várias ocasiões.

Com o fim do regime militar, na década de 1980, suas peças foram liberadas e Plínio novamente surpreendeu. Escreveu **Jesus Homem e Madame Blavatsky** nas quais mostra um lado mais espiritualista. Em 1985, ganhou os prêmios Molière e Mambembe pela peça **Madame Blavatsky**.

RAQUEL TRINDADE



Considerada uma das maiores memórias vivas no Brasil, a ativista da cultura negra, artista plástica, poeta, dançarina, coreógrafa e terapeuta ocupacional, Raquel Trindade Souza, a Kambinda, filha mais velha do grande poeta negro Solano Trindade e Maria Margarida Trindade, nasceu em Recife (1936); criou-se e foi registrada em Duque de Caxias (RJ).

Valiosa fonte de conhecimento e vivência da cultura afro-brasileira, sua atuação e testemunho têm sido de grande contribuição para o enfrentamento do preconceito contra o negro, a mulher e o nordestino na sociedade brasileira.

Fundadora do Teatro Popular Solano Trindade (1975), no Embu (SP) e da Nação

Kambinda de Maracatu, sempre ministrou cursos e oficinas livres por todo o país. Aínsa hoje administra o teatro que tem um trabalho voltado para danças afro-brasileiras como maracatu, coco, jongo mineiro, fluminense e da serrinha, samba de roda, samba lenço rural paulista, bumba-meu-boi, cafezal de Pernambuco, cafezal de São Paulo, lundu colonial e o movimento de dança dos orixás.

Casada oito vezes têm três filhos - Vitor da Trindade, Regina Célia e Dada.

Autora de Embu: Aldeia de M'Boy (Noohva América), atualmente está elaborando um novo livro sobre danças de origem banto chamado **Urucungos, Puítas e Quijengues**.

REGINA CASE

Poucos artistas brasileiros são tão identificados com o povo, com a periferia, como Regina Casé. E poucos nomes deixam uma trajetória tão divertida e coerente pela televisão, levando risadas e dignificando os mais carentes. Regina Maria Barreto Casé nasceu em pleno carnaval de 1954, em Botafogo, no Rio de Janeiro.

Conheceu o teatro em 1970 ao se inscrever despretensiosamente no curso de Sergio Britto. Durante o resto da década, dedicou-se aos palcos dividindo o trabalho com cursos universitários de comunicação, filosofia e história.

Em 1978, salta dos palcos para as salas de exibição, com uma participação no filme **Chuvas de Verão**, de Cacá Diegues. No mesmo ano, Arnaldo Jabor escala a atriz para um papel um pouco maior no filme **Tudo Bem**. A partir daí, Regina começa a atuar em mais filmes, fazendo participações na televisão, meio que a torna conhecida e querida em todos os cantos do Brasil.

Nesta década, entre tantos trabalhos na televisão, participou no Canal Futura dos programas **Um pé de quê?** e **E Que História é Essa**, da novela **As Filhas da Mãe** na TV Globo. Estreou como autora e diretora de televisão, ao lado do cineasta Fernando Meirelles, com o episódio **Uólace e João Victor**, que deu origem ao seriado **Cidade dos Homens**.

Em 1988, participou de um dos programas mais importantes da história do humor da televisão brasileira, a TV Pirata.

Comandou **Central da Periferia**; atuou pela 1^ª vez em uma mini-série, **Amazônia**, de **Galvez a Chico Mendes**, de Glória Peres. Com a série de reportagens **Minha Periferia é o Mundo**, voltou a apresentar um quadro no **Fantástico**. Fez participação especial em

Ciranda de Pedra. Em 2009 sua biografia foi enredo de escola de samba em SP. No mesmo ano, participou da mini-série **Som&Fúria**, e no quadro do **Fantástico**, **Vem com Tudo**, além de participação especial no programa **Papai Noel Existe**. Atualmente, apresenta o programa **Esquenta!** com atrações musicais e entrevistas com personalidades da música brasileira.





ROSE MARIE MURARO

Intelectual e feminista brasileira, nascida no Rio de Janeiro em novembro de 1930. Nasceu praticamente cega, sua personalidade singular deu-lhe força e determinação suficientes para tornar-se uma das mais brilhantes intelectuais de nosso tempo.

Formada em Física e Economia, a escritora e editora publicou diversos livros polêmicos, contestadores e inovadores do ponto de vista dos valores sociais modernos. Nos anos 1970, foi uma das pioneiras do movimento feminista no Brasil.

Nos anos 1980, quando a Igreja adotou uma postura mais conservadora, passou a ser perseguida por seus ideais. Sua atuação intensa no mercado editorial é fruto da mente libertária, cuja visão atenta da sociedade pode ser comparada a de muito poucos intelectuais da atualidade.

Suas idéias refletem-se na vida pessoal; há pouco tempo, Rose Marie Muraro desafiou seus próprios limites quando, aos 66 anos, recuperou a visão com uma cirurgia e viu seu rosto pela primeira vez. "Sei hoje que sou uma mulher muito bonita."

SILVIO SANTOS

Conhecido como Silvio Santos, o empresário e animador que nasceu na Lapa (RJ), em dezembro de 1930 sob o nome de Senor Abravanel, é prestigiado apresentador de televisão e dono do Grupo Silvio Santos. Começou

a trabalhar cedo; em 1945 com 14 anos já era camelô de carteirinhas plásticas para guardar título de eleitor. Após, foi locutor de rádio em Niterói. O dom de falar em público o levou para São Paulo, onde começou a trabalhar em bares apresentando espetáculos e sorteios em caravanas de artistas.

Em 1961, já na televisão, adaptou os formatos de seus shows com o programa *Vamos Brincar de Força*, transmitido pela TV Paulista. Ao mesmo tempo em que evoluía na televisão administrava seu lado empreendedor. Adquiriu o Baú da Felicidade, empresa que vendia baús de presentes de Natal para crianças.

Quando a TV Paulista foi incorporada à Rede Globo seguiu pagando aluguel pelo seu horário. No início dos anos 1970 foi para a Rede Tupi; em 1975 passou a transmitir seus programas simultaneamente na Tupi e na TVS. A Tupi faliu em 1980 e o Programa Silvio Santos passou a ser transmitido pela Rede Record, emissora que Silvio chegou a ser dono de 50% e que vendeu para Edir Macedo, em 1990.

Em 1981 conseguiu licença para operar o canal 4 e formou o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) que logo conquistou a 2a posição entre as redes de TV aberta do país.



AGRACIADOS DAS EDIÇÕES
ANTERIORES

1995

Antonio Carlos Magalhães Peixoto
Fernanda Montenegro
Celso Furtado
Joãozinho Trinta
Jorge Amado Leal de Faria
José Ephim Mindlin
José Sarney
Manoel Francisco do Nascimento Brito
Nise Magalhães da Silveira
Oscar Niemeyer
Pietro Maria Bardi
Ricardo Ancede Gribel
Roberto Marinho

1996

Bibi Ferreira
Franco Montoro
Athos Bulcão
Carlos Eduardo Moreira Ferreira
Mestre Didi
Edemar Cid Ferreira
Francisco Brennand
Carybé
Padre Vaz
Jens Olesen
Joel Mendes Rennó
Max Justo Guedes

Nélida Piñon
Olavo Setúbal
Sérgio Motta
Walter Moreira Salles

1997

1º Regimento de Cavalaria de Guarda
de Brasília - DF
2º Grupo de Artilharia de Campanha
Autopropulsado de Itu - São Paulo
Adélia Prado
Antônio Poteiro
Antônio Salgado Peres Filho
Braguinha
David Assayag Neto
Diogo Pacheco
Dona Lenoca
Fayga Perla Ostrower
Gilberto Francisco Renato Allard
Chateaubriand Bandeira de Mello
Gilberto João Carlos Ferrez
Helena Maria Porto Severo da Costa
Hilda Hilst
Jorge da Cunha Lima
Jorge Gerdau Johannpeter
José Ermírio de Moraes Filho
José Safra
Lúcio Costa
Luiz Barreto
Marcos Vinícius Rodrigues Vilaça

Maria Clara Machado	1999
Mãe Olga de Alaketu	
Robert Broughton	Abraão Koogan
Ubiratan Diniz de Aguiar	Almír Gabriel
Wladimir do Amaral Murtinho	Aloysio Faria
1998	Ana Maria Diniz
Abram Abi Szajman	Antonia Houaiss (<i>in memoriam</i>)
Altamiro Aquino Carrilho	Beatriz Pimenta de Camargo
Antônio Britto Filho	Ecyla Brandão
Ariano Suassuna	Enrique Iglesias
Cacá Diegues	Mãe Stella de Oxóssi
Mãe Cleusa do Gantois	Ester Bertoletti
Décio de Almeida Prado	Hélio Jaguaribe de Mattos
Franz Weissmann	João Antunes de Oliveira
João Carlos Gandra da Silva Martins	Hermínio Bello de Carvalho
José Hugo Celidônio	Palxão Côrtes
Lily Marinho	Romero Magalhães
Milu Villela	J. Borges
Miguel Jorge	Angel Vianna
D. Neuma da Mangueira	Maria Cecília Soares de Sampayo Geyer
Octávio Frias de Oliveira	Maria Delith Balaban
Olavo Egydio Monteiro de Carvalho	Mário Covas
Paulo Autran	Paulo Fontainha Geyer
Paulo César Ximenes Alves Ferreira	Washington Luiz Rodrigues Novaes
Roseana Sarney Murad	
Ruth Rocha	2000
Ruy Mesquita	Ana Maria Machado
Sebastião Salgado	Angela Gutierrez
Walter Hugo Khoury	Dom Geraldo
Zenildo Gonzaga Zoroastro de Lucena	Dalal Achcar

Edino Krieger
Elizabeth D'Angelo Serra
Firmino Ferreira Sampaio Neto
Siron Franco
Gianfrancesco Guarneri
Gilberto Gil
José Alves Antunes Filho
Luiz Henrique da Silveira
Luiz Sponchiado
Maria João Espírito Santo Bustorff
Silva
Zezé Mota
Ruth Escobar
Mário Garofalo
Martinho da Vila
Nelson José Pinto Freire
Paulo Tarso Flecha de Lima
Plínio Pacheco
Rodrigo Pederneiras Barbosa
Sabine Lovatelli
Sérgio Paulo Rouanet
Sérgio Silva do Amaral
Thomaz Jorge Farkas
Tizuka Yamasaki

2001

Thiago de Mello
Arthur Moreira Lima Júnior
Catherine Tasca
Célita Procópio de Araújo Carvalho

Pai Euclides
Dona Zica
Fernando Abílio Faro
Grêmio Recreativo Escola de Samba
Estação Primeira de Mangueira
Grêmio Recreativo Escola de Samba
Império Serrano
Grêmio Recreativo Escola de Samba
Portela
Grêmio Recreativo Escola de Samba
Unidos
de Vila Isabel
Haroldo Costa
Henry Philippe Reichstul
Hildmar Diniz
Ivo Abrahão Nesrala
João Câmara Filho
Jamelão
Luciana Stegagno Picchio
Luiz Antonio Corrêa Nunes Viana de
Oliveira
Lygia Fagundes Telles
Mestre Salu
Milton Gonçalves
Milton Nascimento
Paulinho da Viola
Pilar Del Castillo Vera
Purificación Carpinteyro Calderon
Sari Bermudez
Sheila Copps
General Synésio
Dona Yvonne Lara

2002

Ana Botafogo
Lima Duarte
Candace Slater
Carlos Roberto Faccina
Dalva Lazeroni
Dom Paulo Evaristo Arns
Editora da Universidade de São Paulo – Edusp (São Paulo, SP)
Eduardo Viana
Frances Marinho
Maria Della Costa
Carequinha
Grêmio Recreativo Escola de Samba Camisa Verde e Branco, Barra Funda - SP
Grêmio Recreativo Escola de Samba Vai Vai, Bela Vista - SP
Guillermo ÓDonnell
Rabino Henry Sobel
Instituto Pró-Música, Juiz de Fora – MG
Jack Leon Terpins
Lelé
John Tolman
Dominguinhas
Mestre Juca
Julio José Franco Neves
Julio Landmann
Kabengele Munanga
Dona Lucinha
Seu Nenê de Vila Matilde
Marluy Miranda

Niède Guldor
Borguetinho
Roberto Carlos
Roberto da Matta
Sergio Kobayashi
Silvio Sérgio Bonaccorsi Barbato
Sociedade Bíblica do Brasil
Barueri, SP
Tania Mariza Kuchenbecker Rösing
Vitae Apolo à Cultura, Educação e Promoção Social

2003

Aloísio Magalhães (in memoriam)
Antônio Nóbrega
Ary Barroso (in memoriam)
Associação das Bandas de Congo da Serra
Associação Folclórica Boli Bumbá Caprichoso
Associação Folclórica Boli Garantido
Benedito Nunes
Cândido Portinari (in memoriam)
Carmem Costa
Casseta & Pianeta
Centro Projeto Axé de Defesa e Proteção à Criança e ao Adolescente
Coral dos Índios Guarani
Dorival Caymmi
Eduardo Bueno

2004

Chico Buarque
G.R.E.S - Escola de Samba Estação
Primeira
de Mangueira - Mangueira do
Amanhã
Agostinho da Silva
Maestro Gilberto Mendes
Afro Reggae
Grupo Cultural Jongo da Serrinha
Grupo Ponto de Partida e Meninos de
Araçauá
Haroldo de Campos
Jorge Mautner
Herbert Vianna
Mestre João Pequeno
Bené Fonteles
Luiz Costa Lima
Manoel de Barros
Rubinho do Vale
Judith Cortesão
Marília Pêra
Milton Santos (in memoriam)
Zezé Di Camargo
Moacyr Scliar
Nelson Pereira dos Santos
Projeto Guri
Rita Lee
Roberto Farias
Rogério Sganzerla
Velha Guarda da Portela
Luciano (Dupla Zezé Di Camargo)

Alberto da Costa e Silva
Angeli
Arnaldo Carrilho
Caetano Veloso
Quilombo da Serra do Cipó - MG
Grupo de Bumba-Meu-Boi do
Maranhão
Cordão da Bola Preta
Danilo Miranda
Pelé
Liz Calder
Fernando Sabino
Geraldo Sarno
As Ceguinhas de Campina Grande
Franco Fontana
Frans Krajcberg
Fundação Casa Grande- Memorial do
Homem Kariri
Inezita Barroso
João Donato
José Júlio Pereira Cordeiro Blanco
Marcia Haydée
Vó Maria
As Ceguinhas de Campina Grande
Lia de Itamaracá
Violeta Arraes
Mauricio de Sousa
Movimento Arte contra a Barbárie
Odete Lara
Olga Pragner Coelho
Orlando Villas Bôas (in memoriam)

Ozualdo Candelas
Paulo Mendes da Rocha
Paulo José
Povo Panaré
Pracatum - Escola Profissionalizantes
de Músicos
Projeto Dança Comunidade -
Espetáculo
"Samwaad - Rua do Encontro"
Pulsar Cia. de Dança
Rachel de Queiroz (in memoriam)
As Ceguinhas de Campina Grande
Renato Russo
Teatro Oficina Uzyna Uzone
Walter Firmo
Waly Salomão

2005

Association Française D'Action
Artistique (Afaa)
Alfredo Bosi
Ana das Carrancas
Antonio Meneses
Antonio Dias
Augusto Carlos da Silva Telles
Augusto Boal
Pinduca
Balé Stagium
Carlos Lopes
Círculo Universitário de Cultura e Arte
(Cuca)

/ União Nacional dos Estudantes
(UNE)
Cleyde Yaconis
Clóvis Moura
Darcy Ribeiro
Eduardo Coutinho
Egberto Gismonti
Elliane Lage
Gilles Benoist
Grupo Musical Bandolins de Oeiras
Henri Salvador
Izabel Mendes da Cunha
Jean de Gliniasty
Jean François Chouquet
Jean Gautier
João Gilberto
Almeida Prado
Zé do Caixão
Lino Rojas
Mestre Bimba
Maria Bethânia
Mário Carneiro
Maurice Capovilla
Dona Militana
Movimento Mangue Beat
Museu Casa do Pontal
Nel Lopes
Nino Fernandes
Xangô da Mangueira
Paulo Linhares
Raphael Bello
Renaud Donnedieu de Vabres

Roger Avanzi
Ruth de Souza
Sílviano Santiago
Mestre Pastinha
Ziraldo

2006

Adriano de Vasconcelos
Santos Dumont (in memoriam)
Dona Teté Cacuriá
Amir Haddad
Cora Coralina (in memoriam)
Ana Maria de Oliveira
Pepetela
Mestre Verequete
Banda de Pífanos de Caruaru
Berthold Zilly
Casa de Cultura Tainá
Conselho Internacional de Museus
Curt-Meyer Clason
Daniel Munduruku
Dino Garcia Carrera (in memoriam)
Emmanuel Nassar
Escola de Museologia da UniRio
Mestre Eugênio
Feira do Livro de Porto Alegre
Fernando Birri
Grupo Corpo
Henry Thorau
Intrépida Trupe
Ismael Diogo da Silva

Johannes Odenthal
Josué de Castro (in memoriam)
Júlio Bressane
Laura Cardoso
Lauro César Muniz
Luiz Phelipe de Carvalho Castro
Andrés
Dona Lygia Martins Costa
Mário Cravo Neto
Mário Pedrosa (in memoriam)
Mário De Andrade
Ministério da Cultura da Espanha
Moacir Santos
Museu de Arqueologia do Xingó
Paulo Cézar Saraceni
Pompeu Christóvam de Pina
Centro de Estudos e Ações Solidárias
Racionais MC'S

Ray-Güde Mertin
Rodrigo Melo Franco de Andrade (in memoriam)
Sábato Magaldi
Sivuca
Tânia Andrade Lima
Boi Do Seu Teodoro
Tomie Ohtake
Vladimir Carvalho

2007

Abdias Nascimento
Lina Bo Bardi (in memoriam)
Dodô e Osmar (in memoriam)

Álvaro Siza Vieira
Cartola (in memoriam)
Walter Smetak
Tom Jobim
Associação Cultural Cachuerai
Escola de Circo Picolino
Banda Cabacal
Céline Imbert
Cílido Meireles
Claude Lévi-Strauss
Clube do Choro de Brasília
Tostão
Solano Trindade (in memoriam)
Glauber Rocha (in memoriam)
Grupo Nós do Morro
Hélio Oiticica (in memoriam)
Bárbara Heliódora (in memoriam)
Hermílio Borba Filho (in memoriam)
Jean-Claude Bernardet
Jorge Ben Jor
José Aparecido de Oliveira (in memoriam)
Judith Maline
Kanuá Kamayurá
Lia Robertto
Luis Otávio Sousa Santos
Luiz Alberto Dias Lima de Vianna
Moniz Bandeira
Luiz Gonzaga (in memoriam)
Luiz Mott
Marcello Grassmann
Tônia Carrero
Museu Paraense Emílio Goeldi

Orides Fontela
Programa Castelo Rá-Tim-Bum
Cacique Raoni
Ronaldo Fraga
Grande Otelo
Seáma do Coco
Sérgio Britto
Vânia Toledo

2008

Aliton Krenak
Pitinguinha
Johnny Alf
Altemar Dutra (in memoriam)
Anselmo Duarte
Bule Bule
Apíwtxa
ABGLT
ABI
Yama
Benedito Ruy Barbosa
Carlos Lyra
Centro Cultural Pioffin
Cláudia Andujar
Coletivo Nacional de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Dulcina de Moraes (in memoriam)
Edu Lobo
Efigênia Ramos Rolim
Elza Soares

Emanoel Araujo	2009
Eva Todor	
Giramundo Teatro de Bonecos	Aderbal Freire-Filho
Golandira do Couto	Alexandre Wollner
Hans Joachim Koellreutter (in memoriam)	Angela Maria
Mercedes Sosa	Ataulfo Alves
Instituto Baccarelli	Balé Popular do Recife
Zabé da Loca	Beatriz Sarlo
João Cândido Portinari	Bispo do Rosário
Guimarães Rosa (in memoriam)	Boaventura de Sousa Santos
Sérgio Ricardo	Burle Marx
Leonardo Villar	Carlos Manga
Marcantonio Villaça (in memoriam)	Carmen Miranda
Maria Bonomi	Chico Anysio
Mestres da Guitarrada	Davi Kopenawa Yanomami
Milton Hatoum	Debora Colker
Nelson Triunfo	Elifas Andreato
Orlando Miranda	Fernanda Abreu
Otávio Afonso	Fernando Peixoto
Paulo Emílio Salles Gomes (in memoriam)	Filhos de Gandhi
Paulo Moura	Fundação Iberê Camargo
Música no Museu	Gerson King Combo
Quasar Cia de Dança Ltda	Heleny Guariba
Roberto Corrêa	Instituto Olga Kos
Ruy Guerra	Ivaldo Bertazzo
Tatiana Belinky	José Eduardo Agualusa
Teresa Aguiar	José Miguel Wisnik
Vicente Salles	Laerte
Marlene	Luiz Olímecha
	Lydia Ortélio
	Mamulengo Só-Riso
	Manoel de Oliveira

Maracatu Estrela de Ouro da Aliança
Maria Lucia Godoy
Mestre Vitalino
Mia Couto
Miguel Rio Branco
Nathalia Timberg
Ney Matogrosso
Noca da Portela
Osgemeos
Patativa do Assaré
Paulo Bruscky
Paulo Vanzolini
Raúl Seixas
Samico
Sergio Rodrigues
Teatro Vila Velha
Vídeo nas Aldeias
Walmor Chagas
Zeca Pagodinho

2010

Andrea Tonacci
Anna Bella Geiger
Armando Nogueira
Ás de Ouro
Azelene Kalngáng
Cândido Mendes
Carlota Albuquerque
Cazuza
Césaria Evora
Companhia de Danças Folclóricas

Aruanda
Conjunto Época de Ouro
Coral das Lavadeiras
Carlos Drummond de Andrade
Demônios da Gárgola
Denise Stoklos
Dom Pedro Casaldáliga
Escuela Internacional de Cine y
Televisión de San Antonio de los Baños
Gal Costa
Glória Pires
Hermeto Pascoal
Illa Krugli
Ismael Ivo
Italo Rossi
Jaguar
João Cabral de Melo Neto
João Carlos de Souza-Gomes
Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo
Joênia Wapixana
Leon Cakoff
Leonardo Boff
Maracatu Estrela Brilhante de Igarassú
Mário Gruber Correia
Maureen Bisilliat
Maurício Segall
Moacir Werneck de Castro
Nelson Rodrigues
Rogério Duarte
Sociedade Cultural Orfeica Lira
Cecília
Tlhoco
Vinícius de Moraes

2011

Academia Brasileira de Letras	Helena Kolody
Adriana Varejão	Ítala Nandi
Afonso Borges	Jair Rodrigues
Ana Montenegro	João das Neves
Antonio Nobrega	João do Vale
Antonio Pitanga	José Renato
Apolonio Melonio	Leila Diniz
Associação Capão Cidadão	Lélia Abramo
Associação dos Artesãos de Santana de Araçuaí	Luiz Melodia
Beth Carvalho	Lygia Bojunga
Betinho	Maracatu Estrela de Tracunhaém
Campos de Carvalho	Mario Lago
Capiba	Memorial Jesuítico Unisino
Casa Wariró	Nelson Cavaquinho
Chico Diaz	O Pedreiro
Clarice Lispector	Paulo Freire
Claudett Ribeiro	Paulo Gracindo
CUFA	Quinteto Violado
Espedito Seleiro	Tablado
Festival de Dança de Joinville	Tereza Costa Régo
Festival Santista de Teatro	Valdemar de Oliveira
Glênio Bianchetti	Vik Muniz
Grupo Dançando para não Dançar	Zuzu Angel
Grupo Tradições Culturais Samba de Cumbuca	
Grupo DZI Croquettes	
Grupo Galpão	
Gustavo Dahl	
Héctor Babenco	

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA